

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

RENATO PEREIRA

**SÓ NA ‘CABRERAGEM’: MEDO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS
HOMENS MORADORES DA PERIFERIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA
GROSSA NO EXERCÍCIO DE SUAS MASCULINIDADES**

PONTA GROSSA
2014

RENATO PEREIRA

**SÓ NA ‘CABRERAGEM’: MEDO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS
HOMENS MORADORES DA PERIFERIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA
GROSSA NO EXERCÍCIO DE SUAS MASCULINIDADES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva

PONTA GROSSA

2014

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

P436 Pereira, Renato
Só na 'cabreragem': medo e representações sociais de jovens homens
moradores da periferia do espaço urbano de Ponta Grossa no exercício de
suas masculinidades / Renato Pereira. Ponta Grossa, 2014.
118f.

Dissertação (Programa de Pós-graduação em Geografia - Área de
Concentração: Gestão do Território), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientadora: Profa. Dra. Joseli Maria Silva

1. Espaço urbano. 2. Representações sociais. 3. Medo. 4. Masculinidades.
I. Silva, Joseli Maria. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
Gestão do Território. III. T.

CDD: 307.76

TERMO DE APROVAÇÃO

RENATO PEREIRA

SÓ NA 'CABRERAGEM': MEDO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS HOMENS MORADORES DA PERIFERIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA NO EXERCÍCIO DE SUAS MASCULINIDADES

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:


Prof^a. Dr^a. Joseli Maria Silva

UEPG


Prof^a. Dr^a. Adriana Terezinha Melo Cançado

CESCAGE


Prof. Dr. Marcio José Ornat

UEPG

Ponta Grossa, 30 de junho de 2014.

O que é o medo de vivenciar a cidade para você?

Tráfico de drogas, porque rola tiro, às vezes. Conhecia um cara do Olarias. Dívida de droga, chamaram ele e deram sete tiros. Não era do colégio. Tinha bastante amigos. Ele conhecia todo mundo, falava com todo mundo, gente boa. Entrou em conflito com o pessoal do tráfico. [Sobre a dívida] Se der uma conversada com eles [traficantes], eles até deixam pagar, mas tem que pagar meio rápido, mas se tiver bem [atrasada] a dívida, eles matam.

(Guilherme, 16 anos, entrevista concedida em 10 de julho de 2013).

À minha família, especialmente, à minha mãe
e à minha querida Juliana, pelas quais realizo
minhas *correrias* todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação marca uma importante etapa da minha caminhada. Agradeço a todos aqueles que contribuíram de forma decisiva para a sua concretização.

À geógrafa, professora Doutora Joseli Maria Silva, pela paciência e generosidade nos momentos em que esta pesquisa passou por dificuldades. Não faltariam argumentos e adjetivos para retratá-la em meus agradecimentos.

Aos meus grandes amigos e mestres Alex Caetano da Silva, Arnaldo José da Luz e Daniel Sedorko, que representam em si, sujeitos questionadores, instigadores, provocativos, sem os quais ficaria a mercê de um *vim a ser academicus*.

Ao Grupo de Estudos Territoriais – GETE, representado por seus pesquisadores, docentes e discentes, por disponibilizar os conhecimentos produzidos desde sua constituição até a atualidade, como se fez um expoente na Geografia brasileira.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Geografia, pela gama de conteúdos e conhecimentos disponibilizados durante a etapa de conclusão dos créditos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Ao professor Doutor Marcio José Ornat e à professora Doutora Adriana Mello Cançado, pela gentileza em ler um texto que, embora simples, reforça a ideia de valorizar e dar inteligibilidade às masculinidades representadas pelo grupo de jovens homens moradores de periferia.

Aos discentes do Programa de Mestrado, pelo profissionalismo e coleguismo demonstrado durante os encontros de leitura e discussão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro em grande parte do período em que estive envolvido com esta pesquisa.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), local em que me fiz constituir como gente e, posteriormente, como pesquisador.

Aos sujeitos pesquisados, que embora 'cabreiros', contribuíram de forma voluntária para a concretização deste estudo.

Às todas as pessoas cujos caminhos coincidiram durante esta jornada.

PEREIRA, Renato. **Só na ‘cabreragem’**: medo e representações sociais de jovens homens moradores da periferia do espaço urbano de Ponta Grossa no exercício de suas masculinidades. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi construir um caminho analítico de investigação sobre espaço urbano e medo sob o foco das representações sociais de jovens homens, moradores de periferia, no exercício de suas masculinidades. O levantamento dos dados e das informações para a inteligibilidade desta pesquisa, de caráter qualitativa, foi realizado por meio da aplicação de 346 questionários e realização de sete entrevistas com estudantes de ensino médio, com idade entre 15 e 23 anos, de quatro escolas públicas sediadas no município de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Preocupou-se em refletir sobre as espacialidades dos sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, os jovens homens moradores de periferia, assim como observar as tensões da realidade, a fim de compreender suas práticas espaciais. As espacialidades dos sujeitos pesquisados se constituíram em elementos centrais na construção das reflexões, evidenciando-se que alguns locais da área central do município não apenas figuram como um recorte da cidade, eles são espaços de representação das masculinidades. No decurso da pesquisa, fez-se esforço em refletir e questionar sobre as masculinidades e os elementos de vulnerabilidade dos jovens homens no contexto do espaço urbano. Os resultados obtidos evidenciam que o medo está associado principalmente às drogas e aos conflitos vivenciados no cotidiano, assim como, que os locais geradores de tensão na vivência espacial dos adolescentes pesquisados estão associados, sobremaneira, ao próprio contexto em que vivem.

Palavras-chave: espaço urbano; representações sociais; medo; masculinidades.

PEREIRA, Renato. **Só na 'cabreragem'**: fear and social representations of young men residents on the periphery of the urban area of Ponta Grossa in the exercise of their masculinities. Dissertation (Masters in Geography) - State University of Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

ABSTRACT

The aim of this work was to construct an analytical way of research about the urban space and fear, under the focus of social representations of young residing men of the periphery, in their masculinities' exercise. The survey of data and information to the intelligibility of this research, which has a qualitative feature, was accomplished through the application of 346 questionnaires and conducting interviews with seven high school students, aged between 15 and 23 years old, from four public schools of the city of Ponta Grossa, Parana State. It was concerned to reflect about the spatiality of the subjects that produce the urban space, particularly young men living on the periphery, as well as to observe the stresses of reality in order to understand their spatial practices. The researched subjects' spatiality were constituted as central elements in the construction of reflections, which demonstrates that some places at city's downtown not only feature as a clipping of the city, they are spaces of representation of masculinities. During the research, there was made an effort to reflect and question about masculinities and the elements of vulnerability of young men in the context of urban space. The obtained results show that fear is mostly associated to drugs and conflicts experienced in everyday life, as well as the places which generate tension in the spatial experience of the surveyed teenagers are excessively associated with the context in which they live.

Keywords: urban space; social representations; fear; masculinities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CARTOGRAMA 1 – Caracterização da área de estudo – Escolas com acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar (2005-2007).	48
GRÁFICO 1 – Questionário aplicados, desprezados e utilizados, percentual por sexo	49
CARTOGRAMA 2 – Contexto de moradia dos estudantes das escolas pesquisadas...	50
GRÁFICO 2 – Locais/contextos geradores de tensão na vivência cotidiana dos adolescentes pesquisados	56
QUADRO 1 – Evocações dos jovens sobre medo no Espaço Urbano.....	59
FIGURA 1 – Representação do núcleo central das representações dos jovens homens sobre o medo no espaço urbano	60
GRÁFICO 3 – Elementos motivadores de conflitos	62
FIGURA 2 – Representação da Escala de Análise das Representações do Medo no Espaço Urbano	64
CARTOGRAMA 3 - Vulnerabilidade quanto às condições demográficas no contexto dos bairros de Ponta Grossa	65
CARTOGRAMA 4 - Vulnerabilidade quanto às condições urbanas e de vizinhança no contexto dos bairros de Ponta Grossa.....	66
QUADRO 2 – Respostas cognitivas dos jovens homens pesquisados quanto às representações de medo no espaço urbano.....	68
QUADRO 3 – Elementos, em importância que, para os jovens, representam tensão em viver na cidade	69
GRÁFICO 4 – Cruzamento das evocações, de acordo com a intensidade	70
QUADRO 4 – Representações dos jovens sobre Interdição.....	72
QUADRO 5 - Representações dos jovens sobre suas relações no cotidiano	73
FIGURA 3 – Representação das Escalas de poder na vivência cotidiana dos jovens homens pesquisados	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ESPAÇO URBANO, ESPAÇO ESCOLAR, MEDO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS HOMENS MORADORES DE PERIFERIA EM PONTA GROSSA, PARANÁ.....	18
1.1 ESPAÇO URBANO, MASCULINIDADES E MEDO	19
1.2 ESPAÇO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DAS MASCULINIDADES DE JOVENS HOMENS DE PERIFERIA	39
1.3 O ESPAÇO ESCOLAR E A VIVÊNCIA DO MEDO: O PERFIL DOS JOVENS HOMENS PESQUISADOS	45
2 MEDO E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO, MORADORES DA PERIFERIA URBANA DE PONTA GROSSA, PARANÁ.....	53
2.1 A INTERDIÇÃO COMO VIVÊNCIA COTIDIANA DO JOVEM DO SEXO MASCULINO MORADOR DE PERIFERIAS URBANAS	55
2.2 MEDO, TENSÕES E CONFLITOS: A INSEGURANÇA DO ESPAÇO URBANO VIVENCIADA PELOS JOVENS HOMENS	61
3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS HEGEMÔNICAS DO ESPAÇO URBANO PRODUZIDAS NA EXPERIÊNCIA DOS JOVENS HOMENS	75
3.1 O BAIRRO COMO UM PARADOXO: O 'OUTRO' NO CONTEXTO DO URBANO	76
3.2 AS ESCALAS DO BAIRRO, DA VILA E DA RUA NO CONTEXTO DO PARADIGMA DO CONFLITO	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	97
A P Ê N D I C E S	107
APÊNDICE A – Questionário com Questões Abertas.....	108
APÊNDICE B – Questionário com Questões Fechadas	111
APÊNDICE C – Roteiro de Entrevista.....	113
APÊNDICE D – Catalogação de Gírias	115
APÊNDICE E – Ofício Encaminhado às Escolas Pesquisadas	118

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como fio condutor a seguinte questão central: como o medo compõe as representações sociais de jovens homens, moradores da periferia do espaço urbano de Ponta Grossa, no exercício de suas masculinidades? Tal questão foi organizada em três sub-questionamentos: 1) Quais são as áreas do espaço urbano de Ponta Grossa evidenciadas pelo sentimento do medo? 2) Como o medo interfere nas práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia, que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa? 3) Quais são as representações sociais hegemônicas do espaço urbano, produzidas na experiência dos jovens homens sobre o medo?

Nesta pesquisa, o medo é considerado como parte integrante da vida cotidiana das pessoas, assim como é uma das várias sensações que emergem de diferentes contextos espaciais, sobretudo do espaço urbano.

Objetiva-se, assim, estabelecer a relação entre medo, masculinidades e cidade como possibilidade de compreensão do espaço urbano, tomando como base levantamentos de dados empíricos junto a estudantes de ensino médio, moradores de periferia, que vivenciam a área central de Ponta Grossa – PR.

A proposta de trabalho está vinculada a trajetória investigativa do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O interesse do grupo pelo estudo das masculinidades deu início já no ano de 2008, quando se iniciou um projeto de extensão que investigou a vivência de adolescentes em conflito com a lei, do sexo masculino e seus processos de reinserção familiar, após cumprir medidas socioeducativas.

O GETE, de posse de uma expressão estatística levantada no município de Ponta Grossa/PR, que apontou que o universo masculino (85%) é mais vulnerável do que o feminino (15%) quanto ao envolvimento em atos infracionais, imediatamente iniciou duas pesquisas que analisavam a relação entre espaço urbano, atos infracionais e a construção das masculinidades. Trata-se das pesquisas de Chimin Júnior (2009) e de Rossi (2010).

Essas pesquisas indicaram que os adolescentes em conflito com a lei do sexo masculino vivenciavam um cotidiano marcado pela precariedade e pela vulnerabilidade ao envolvimento com drogas (uso e tráfico), bem como à morte violenta por homicídios. Dos indícios apontados por Chimin Júnior (2009) e Rossi (2010) foram iniciadas outras pesquisas inter-relacionadas que buscam a inteligibilidade da construção das masculinidades nas periferias. Trata-se da pesquisa de Gomes (2012) que analisa a vulnerabilidade dos adolescentes do sexo masculino à morte violenta e de Rocha (2012) que explora a relação entre espaço e uso do crack.

Gomes (2012) declara que, no Brasil, quase noventa e quatro por cento dos homicídios tem como vítimas jovens do sexo masculino, enquanto Rocha (2012) afirma que o número de usuários de crack do sexo masculino é superior do que o feminino em todas as faixas etárias, sendo que, na faixa que compreende dos 25 e 34 anos, o número de relatos masculinos é quatro vezes maior do que o feminino.

A coragem e a valentia são traços comuns nos discursos dos adolescentes retratados nas pesquisas de Rossi (2010), Chimin Junior (2009), Gomes (2012) e Rocha (2012). Na medida em que existam jovens homens e adolescentes que ameaçam, transgridem e usam de violência, há também àqueles que são ameaçados ou sentem-se vulneráveis. A presente pesquisa seguiu o caminho de

compreender o medo como componente da realidade destes sujeitos, em sua vivência cotidiana na cidade.

Brownlow (2005) analisa a relação entre medo, masculinidade e cidade tendo como base Cobbs Creek, o maior bairro de West Philadelphia, comunidade que apresentava, no ano de 2000, níveis elevados de violência e vitimização entre jovens homens. O autor aponta os elementos que representam tensão na vivência de jovens homens afro-americanos no contexto do espaço urbano de Filadélfia, assim como indica que o medo está associado a diversos contextos e situações. Sua pesquisa aponta que a probabilidade dos jovens homens se envolverem em uma situação de vulnerabilidade e tensão é quase três vezes maior do que pessoas do sexo feminino. Com base no estudo de Brownlow (2005), foi possível estabelecer um caminho investigativo para explorar o fenômeno em Ponta Grossa, Estado do Paraná.

Para acessar o grupo social que foi estabelecido para pesquisa, adolescentes do sexo masculino, optou-se por recorrer às escolas, já que este grupo etário da população deve, conforme o Estatuto da Juventude (1990), estar matriculado e frequentando a escola. Outra razão para a escolha foi o dado de Chimin Junior (2009) que afirmou que nos inquéritos por ele analisados na Delegacia do Adolescente e Antitóxico da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR entre os anos 2005 a 2007, a maioria dos adolescentes envolvidos em atos infracionais eram estudantes. Portanto, a escola como uma porta de acesso ao grupo foi uma forma de abarcar com mais facilidade a realidade cotidiana da maioria dos adolescentes do sexo masculino.

Também se recorreu ao trabalho de Iaroczinski e Silva (2008), em que se evidenciou que os registros de atos de violência nos boletins de ocorrência policial estavam ligados ao contexto escolar dos alunos do sexo masculino, constatando-se,

assim, que a escola é um espaço permeado de conflitos e de relações que vão além de um local de aprendizado.

O ranking das escolas públicas do município de Ponta Grossa, que apresentavam acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar, entre 2005 e 2007, elaborado por Iarocinski (2009), foi o instrumento utilizado como referencial para o apontamento das escolas escolhidas para o levantamento de dados e informações da pesquisa. As instituições escolares escolhidas para a realização da pesquisa foram os Colégios Estaduais Regente Feijó, José Elias da Rocha, Professor Colares e João Ricardo Von Borell Du Vernay.

Assim, o percurso da pesquisa seguiu o seguinte roteiro:

Após a escolha das escolas, baseada no trabalho de Iarocinski (2009), a pesquisa foi iniciada com a aplicação de questionários com questões fechadas (conforme apresentado no Apêndice A) com 346 alunos, das três séries do ensino médio, envolvendo 43,9% de meninas e 56,1% de meninos, com idade entre 15 e 23 anos. Diante da pluralidade das respostas evidenciou-se que não existe um padrão de representação do medo, pois ele é intrínseco a cada indivíduo. As informações coletadas nesse primeiro momento serviram de base para a construção de um segundo instrumento de pesquisa com questões fechadas (Apêndice B).

De forma voluntária e com a autorização dos responsáveis pela escola, foram realizadas entrevistas em profundidade (conforme roteiro apresentado no Apêndice C) com sete adolescentes do sexo masculino com idades entre 15 e 17 anos, moradores de áreas periféricas da cidade de Ponta Grossa. Prevaleceu uma média de 21 minutos para cada sujeito entrevistado pela necessidade de adequação ao tempo disponibilizado pela direção das escolas em que ocorreu a pesquisa.

Para determinar a quantidade de pessoas a serem entrevistadas foi utilizado o critério da “saturação”, proposto por Sá (1998). O autor considera que a

quantidade de pessoas a serem entrevistadas em pesquisas qualitativas depende da homogeneidade das respostas manifesta pelo grupo investigado. Diante da verificação de que os temas e argumentos apresentados pelos sujeitos investigados se repetiam, caminhou-se para a consolidação da pesquisa, considerando que pouco seria acrescentado ao conteúdo da representação caso continuasse a busca.

O tratamento dos dados para construir os argumentos desta pesquisa foi realizado por meio da metodologia do núcleo central, proposta por Abric (1998). Para Abric (1998, p. 38), “uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes; ele constitui um sistema sociocognitivo particular composto de dois subsistemas: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico”.

Para a análise primária dos dados, foi utilizado o programa de computador denominado Evoc, modelado por Vergès (2002), com a intenção de chegar o mais próximo do núcleo central e do sistema periférico das representações sociais dos jovens homens, moradores de periferia que têm no medo, aporte para sua vivência espacial. Por meio deste *software* também foi possível a realização dos cálculos estatísticos e das matrizes de co-ocorrências, servindo de base para a elaboração de um quadrante de análise das evocações.

As evocações, após analisadas e processadas, organizaram um total de 81 vocábulos diferentes. No tratamento realizado pelo Evoc, palavras com frequência menor que 25% foram recusadas. O Quadro 1, presente no segundo capítulo, representa o agrupamento das evocações por associação livre de palavras. O vocábulo “assalto” foi o elemento que apresentou maior frequência (presente na resposta de 85 sujeitos pesquisados), enquanto “drogas”, apesar de aparecer em menor frequência (menos vezes), é o mais prontamente evocado (lembrados por

primeiro). “Tráfico” e “ganguês” são os elementos mais prontamente evocados, apesar de figurar em frequência menor de respostas.

Como destacado anteriormente, o universo escolar foi uma possibilidade de aproximação de um grupo de jovens homens com uma multiplicidade de experiências, o que traria a ideia do medo como representação, tanto de experiências diretas como indiretas. Se o ambiente escolar também abriga sujeitos que vivenciam um espaço de conflitos, onde atos violentos são cometidos, considerou-se possível explorar as representações sociais desses jovens.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo foram explorados os conceitos fundantes da pesquisa, trazendo possibilidades de análise espacial por meio da experiência de sujeitos que vivenciam a cidade. No caso desta pesquisa, trata-se do grupo de jovens do sexo masculino, moradores de periferia, que têm na sensação do medo, aporte para representações multifacetadas do urbano. Ainda, procura-se realizar uma aproximação entre os conceitos de espaço urbano, gênero e representações sociais, além de apontar o medo como uma sensação presente na vivência cotidiana dos sujeitos pesquisados, assim como o confronto com o conceito de masculinidades.

O segundo capítulo estabelece os elementos que marcam as práticas espaciais dos jovens do sexo masculino no contexto do espaço urbano, trazendo as categorias principais que sustentam a dissertação, no que se refere às práticas espaciais dos jovens homens pesquisados: a interdição, as relações de poder, os conflitos e as infrações.

No terceiro capítulo se analisa a constituição de representações sociais hegemônicas de jovens do sexo masculino, moradores de periferia, sobre o espaço urbano. Explora a escala do bairro, intercalando os conceitos do aspecto morfológico da cidade em consonância com os aspectos imateriais constituídos pelas

representações sociais dos sujeitos da pesquisa e a escala do bairro, enquanto espaço de transição entre a rua e a cidade, assim como os locais que configuram como elementos aglutinadores da vivência dos jovens homens no espaço urbano.

Assim, longe de categorizar, interferir ou silenciar outros aspectos dos sujeitos que vivenciam a cidade, esta pesquisa explora o fato de que as circunstâncias são constituídas por meio da vivência dos grupos sociais em um contexto espacial multifacetado e as espacialidades desses sujeitos experienciadas por situações cotidianas. Por isso, não se interferiu nas falas dos sujeitos, pelo contrário se procurou colocá-las em evidência, dar a elas visibilidade e inteligibilidade.

Constitui-se assim o desafio do geógrafo-pesquisador neste contexto da pesquisa: visibilizar e tornar inteligível o caráter espacial do fenômeno do medo no espaço urbano, por intermédio das representações dos jovens homens moradores de periferia. Embora disfarçado pela ‘cabreragem’¹, essa sensação se tornou evidente nas insistentes inquirições e está inscrito nas páginas que seguem.

¹ De acordo com os sujeitos pesquisados, ‘cabreragem’ possui o mesmo sentido de ‘estar com medo’. Estar ‘cabreiro’ está relacionado ao sujeito que não se sente à vontade em dizer que tem medo.

1 ESPAÇO URBANO, ESPAÇO ESCOLAR, MEDO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE JOVENS HOMENS MORADORES DE PERIFERIA EM PONTA GROSSA, PARANÁ

Falo de violência, vulnerabilidade e sofrimento, mas estou tentando trabalhar com uma concepção mais geral de ser humano pelo qual estamos integrados desde o princípio. (BUTLER, 2006).

O presente capítulo tem por objetivo desenvolver uma discussão sobre os conceitos fundantes da pesquisa, cujo foco central é compreender de que maneira o medo compõe as representações sociais de jovens homens, moradores de periferia do espaço urbano de Ponta Grossa no exercício de suas masculinidades. Cada conceito aqui apresentado tem sua própria genealogia e está inserido em uma dinâmica própria de discussão e envolvido nos tensionamentos do próprio campo científico, sendo considerados seus diferentes espaços e tempos de cada comunidade de pesquisadores.

Assim, é impossível trazer para este texto a totalidade das transformações pelas quais passaram cada conceito em seus contextos específicos. Entretanto, se buscou deixar claro o posicionamento conceitual aqui adotado e a forma como cada conceito sustenta o caminho de pesquisa desenvolvido. No caso desta pesquisa, trata-se do grupo de jovens do sexo masculino, moradores de periferia, que têm na sensação do medo, aporte para representações multifacetadas do espaço urbano. Assim, o capítulo subdivide-se em três partes.

Na primeira parte discute-se espaço, gênero, masculinidades e medo nas vivências de jovens homens. A segunda parte estabelece a relação entre espaço urbano, espaço escolar e representações sociais de jovens homens moradores da periferia pobre em Ponta Grossa, enquanto a terceira parte traz a experiência escolar e a vivência urbana permeada pela vulnerabilidade à violência em Ponta Grossa.

1.1 ESPAÇO URBANO, MASCULINIDADES E MEDO

O espaço é um conceito fundamental da ciência geográfica. Apesar de ser abordado pelas diversas matrizes epistemológicas, é na perspectiva crítica que este conceito obteve relevância, conforme apontam Corrêa (2000) e Gomes (2010). Dentre os autores que se dedicaram a discutir o espaço, notadamente na corrente crítica da geografia, destacaram-se Harvey (1980; 2005), Soja (1993), Gottdiener (1997). No Brasil podem ser apontados Corrêa (1995) e Santos (1997; 2004).

A análise de Harvey (1980) sobre o espaço urbano fundamenta-se na lógica da produção da cidade capitalista e a consequente desigualdade social e econômica decorrente de processos de acumulação de recursos. O autor estabelece uma análise fundamentada na ideia redistributiva dos bens e serviços urbanos e em uma justiça social. Sua ideia é de que a cidade é produzida por todos, mas que há vantagens de alguns grupos sociais em detrimento de outros em uma sociedade capitalista em que a terra é mercadoria, bem como o acesso à cidade.

Embora os apontamentos de Harvey (1980; 2005) sejam claros quanto às noções fundamentais do que seja o espaço, o autor aponta o uso de argumentos

filosóficos ou linguísticos, dependendo do tipo de abordagem que utiliza. Para Harvey (1980), cada indivíduo possui o que denomina de “consciência espacial” e é esta imaginação que

habilita o indivíduo a reconhecer o papel do espaço e do lugar em sua própria biografia; a relacionar-se aos espaços que ele vê ao seu redor, e a reconhecer como as transações entre os indivíduos são afetadas pelo espaço. Isto conduz a reconhecer o relacionamento que existe entre ele sua vizinhança, seu território ou, para usar a linguagem dos grupos de rua, seu “pedaço”. (op. cit., 1980, p. 14).

Harvey (2005) traz em sua análise sobre o espaço as transformações sociais, econômicas, mas também culturais típicas do processo de globalização. Explora a esfera do consumo e dos desejos, bem como as transformações culturais que ocorrem pelo aumento dos contatos interculturais possíveis pelo avanço das tecnologias de transporte e comunicação. Embora fascinado por este olhar cosmopolita de uma cidade urbana, lança seu olhar sobre o que pode ser construído a partir das experiências sociais urbanas. Para Harvey (2005, p. 69),

o ambiente construído constitui um elemento de um complexo de experiência urbana que há muito é um cadinho vital para se forjarem novas sensibilidades culturais. A aparência de uma cidade e o modo como os seus espaços se organizam formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais.

Nas relações sociais pensadas para além de um plano político-econômico, propostas por Gottdiener (1997), a intervenção do Estado e o exercício do poder parecem confinar a transitoriedade de usuários espaciais a incidentes isolados e multiplamente manifestados. Entretanto, como constructo social, o espaço surge com dimensões que extrapolam as formas e os processos espaciais. O cotidiano passa a ser considerado,

ao mesmo tempo particularizado e afetado por relações de produção que se estendem por todo o globo; é fragmentado e hierarquicamente organizado, atomizado e estruturado. Existe não só nas “cidades corporativas” estudadas pelos economistas políticos marxistas, mas também nos subúrbios. Em suma, é desenvolvido ao longo de regiões e nações pelos mesmos processos globais que estruturam cada lugar individual. (GOTTDIENER, 1997, p. 198).

Edward Soja (1993), em “Geografias Pós-modernas”, descortina a cidade arquetípica de Los Angeles (EUA) e visualiza a paisagem da cidade como um texto ainda a ser lido. Para o autor, o espaço não é estático, pelo contrário, dotado de movimento, ganha sentido nas espacialidades e pode estar envolto de complexas representações, na percepção e nas características cognitivas de sujeitos que vivenciam o espaço urbano. De acordo com Soja (1993, p. 149):

[...] essas representações, como imagens semióticas e mapeamentos cognitivos, como ideias e ideologias, desempenham um papel poderoso na moldagem da espacialidade da vida social. Não se pode questionar a existência desse espaço mental humanizado, dessa *mentalité* [mentalidade] espacializada. Mas, também nesse caso, a produção social da espacialidade se apropria e faz uma remoldagem das representações e significações do espaço mental como parte da vida social.

As análises geográficas pautadas na compreensão das dinâmicas capitalistas de produção das cidades são fundamentais para o entendimento das diferenças de concentração ou distribuição da riqueza urbana, bem como a exclusão de inúmeros grupos sociais do acesso aos bens dispostos na cidade. É impossível compreender a cidade capitalista ocidental, sem considerar a acumulação e a distribuição da riqueza urbana. Pautado neste foco de análise, Corrêa (1995), eminente geógrafo brasileiro constrói uma obra altamente explicativa da dinâmica da cidade capitalista e enfatiza a necessidade de compreender as ações de sujeitos, chamados por ele de “agentes produtores do espaço urbano”.

A obra de Corrêa (1995) traz um avanço em relação às análises pura e simples das dinâmicas econômicas da cidade. Além de chamar atenção para necessidade da análise geográfica contemplar as pessoas e suas ações, o autor também alega que o espaço urbano se faz e refaz a partir de situações que envolvem lutas, tensionamentos e significados simbólicos.

Na perspectiva do paradigma de consenso e conflito, Corrêa (1995), apresenta os movimentos sociais urbanos a partir do cotidiano, em um contexto de fragmentação desigual do espaço. Para ele, apesar de o espaço ser fragmentado socialmente, também é articulado, pois existe simultaneidade entre as diversas escalas de socialização, que podem estar configuradas pela rua, pela escola, na vila ou no bairro. Se o espaço urbano é fragmentado e articulado, também constitui as condicionalidades de uso da terra e das relações cotidianas. Para Corrêa (1995), é na escala do bairro que os diversos grupos sociais se reproduzem. Assim posto, o espaço urbano, traduzido por Corrêa (1995), na forma da cidade capitalista como

[...] fragmentada, articulada, reflexo e condicionante social [...] é também o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados [...] O espaço urbano assume assim uma dimensão simbólica que, entretanto, é variável segundo os diferentes grupos sociais, etários etc. (CORRÊA, 1995, p. 9).

Logicamente, a cidade capitalista contempla os aspectos econômicos. Entretanto, Gottdiener (1993) entende que a análise da acumulação de capital para explicar as modificações da cidade é uma visão parcial da dinâmica urbana, admitindo que é necessário contemplar as pessoas e não apenas capitais sem nome, cara, ou interesses explícitos. A cidade possui uma materialidade e os objetos concretos construídos, conforme Santos (1988) adquirem uma existência social e esta existência é adquirida por sentidos atribuídos aos objetos urbanos.

As ideias de Gottdiener (1993) que alertam para a necessidade de ir além das explicações das dinâmicas capitalistas, de Santos (1988), que refletem sobre a atribuição de sentidos aos objetos espaciais, bem como a posição de Corrêa (1995), que alerta para as lutas e simbolismos em torno do espaço, podem ser complementadas pelo avanço epistemológico dado pela corrente da nova geografia cultural.

Se sentidos aos objetos ocorrem para que o espaço adquira existência social, como pondera Santos (1988), pode-se argumentar, com base em Cosgrove (1998a, 1998b) e Jackson (2000), que os sentidos não são homogêneos, são plurais e envolvem, assim, situações de conflitos e demandam relações de poder. Os significados também não podem ser vistos como estáticos, mas constantemente reproduzidos, como propõe Cosgrove (1998a). Além disso, é preciso considerar, como argumenta Cosgrove (1998b) que cada sociedade específica constitui culturalmente seus significados e assim, é o contato entre diferentes culturas que produz as intersubjetividades em torno do espaço.

Em Duncan (2003), é possível aprofundar a ideia de que os espaços são parte dos sistemas culturais. Para ele, a paisagem é “um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2003, p. 106). Para este autor as produções simbólicas do espaço é também um ato coletivo, compartilhado dentro de um grupo social. Os grupos sociais então possuem diferentes percepções e produzem diferentes significados que entram em confrontos, constituindo relações de poder.

O poder, como afirma Hannah Arendt (2007) é uma condição humana e está relacionado à habilidade de sujeitos ao manejo do jogo social, de agir e de sobressair por meio do discurso. O poder também é um importante eixo de análise

de Michel Foucault. Para este autor o poder não é algo que se adquire, mas uma relação, posto como elemento que circula, funciona em cadeia. Assim,

[...] nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (...) o indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui. (FOUCAULT, 2001, p. 183).

A ideia de poder não localizado, mas em feixes de relações foi bastante contemplada pelas geógrafas da corrente feminista. Entre elas, destaca-se Gillian Rose (1993) com sua ideia de espaço paradoxal. O espaço para Rose (1993) não está dado, mas ele é constituído constantemente nas reações de poder em que sujeitos estão constantemente tensionados, podendo assim sofrer alterações de posição. Assim, ela nega a oposição bidimensional dos sujeitos, mostrando que dependendo do tipo de tensionamento e da escala adotada, centro e margem podem ser posições transformadas, não havendo assim, uma condição estática de poder entre aquele que subordina e o que é subordinado. Assim, para Rose (1993), o espaço é multidimensional, multiescalar, plurilocalizado e em constante transformação, sendo tensionado por relações de poder entre grupos e pessoas.

Para Foucault (1967) a inteligibilidade de cada grupo social é negociada pelas forças simbólicas produzidas em cada contexto espacial. Portanto, considera-se que as tensões produzidas pelos sujeitos são propiciadas pela própria interpretação de suas vivências espaciais.

Outra interessante contribuição por parte de geógrafas feministas no sentido de criar uma ideia de espaço em constante transformação e produto de relações é a

de Massey (2008). A autora defende uma abordagem alternativa de espaço, onde os benefícios e as desvantagens tornam-se formas evidentes. Reconhece-o, assim, como resultado das relações dos seres humanos, pois é rico de simbologias e significados. É pela transformação do espaço que se permite também visualizar a cidade, seja pela materialidade do uso da terra ou pelos conflitos gerados por relações sociais de diversas outras naturezas.

Para Massey (2008), o espaço está presente nas subjetividades de cada indivíduo, mas também está explícita nas relações sociais, pois,

jamais poderá ser essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. Um espaço, então, que não é nem um recipiente para identidades sempre-já constituídas nem um holismo completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo. (op. cit, p. 32).

Massey (2008) reflete sobre o espaço como produto de interrelações, como esfera da possibilidade de existência de uma multiplicidade de fenômenos e, por fim e não como fim em si mesmo, aponta que está em construção permanente.

Sem dúvida, as geógrafas feministas trouxeram interessantes contribuições para a análise espacial e a corrente feminista na geografia já possui uma tradição desde a década de 1970, conforme comprova a geógrafa Susana Maria Veleza da Silva, no livro *Geografias subversivas* (2009).

Para Silva (2009c), nesse cenário de incertezas, que se estabeleceu em todos os aspectos da vida cotidiana das classes sociais e a partir da criação dos movimentos sociais que reivindicavam direitos igualitários para negros, mulheres, homossexuais e outros grupos minoritários, surge a necessidade de dar visibilidade a grupos sociais até então renegados pelo modelo que privilegiara determinada

parcela da sociedade. Sem dúvida, essa configuração atingiu a área política e o espaço acadêmico, pois,

[...] essas práticas sociais provocam novas questões para as ciências humanas e sociais. As mulheres, atuando num campo privilegiado de luta — o mundo da intersubjetividade e do cotidiano —, estabelecem novas relações entre subjetividade e cidadania. (SILVA, 2009c, p. 302).

Mesmo com todo o esforço pela busca de dar visibilidade a grupos até então pouco explorados, não foi preocupação das geografias feministas entender as dinâmicas e complexidades que envolvem as relações dos jovens homens no contexto do espaço urbano, principalmente porque os estudos que envolviam sexualidade e gênero se preocuparam em uma agenda política que privilegiasse as feminilidades.

Como visto em Silva, Ornat e Chimin (2011), de início, o interesse das geografias feministas não privilegiaram os estudos sobre masculinidades, havendo poucos trabalhos ainda neste campo. Conforme apontam os autores, isso se deu diante da ideia da visualização do sujeito masculino como universalmente dominador. Esse fato contribuiu para que houvesse desinteresse e até mesmo rejeição ao estudo das masculinidades pelas correntes feministas.

Entretanto, diante da emergência de dar visibilidade a grupos até então não abrangidos pela corrente feminista, fizeram com que, a partir dos anos 1990, outras formas de representação viessem à tona. Trata-se dos grupos que não se enquadravam no contexto das mulheres mães, esposas, heterossexuais, brancas e trabalhadoras. Além disso,

coincide com um momento de transformações do conceito de gênero, fruto de um intenso debate epistemológico dentro da corrente feminista que produziu condições favoráveis para que as pesquisas de masculinidades desapontassem. (SILVA; ORNAT; CHIMIN, 2011, p. 28).

A obra elaborada por Silva (2009) apresenta uma discussão mostrando a trajetória de desenvolvimento das geografias feministas, que iniciou com a ideia de mulher associada às diferenças biológicas. Posteriormente, o gênero foi adotado como importante conceito para compreensão do espaço em diferentes matrizes epistemológicas. A partir disso, o gênero passa a ser um conceito adotado de diferentes formas pelas geografias feministas.

Há duas interessantes abordagens que são comuns sobre o conceito de gênero, conforme aponta Silva (2009). A ideia de gênero como construção social, baseada em Simone de Beauvoir. Para a filósofa, o gênero não está no sexo biológico, mas nas formas de significação cultural dos corpos. Beauvoir (1967), ressalta que, somente por meio da mediação entre os indivíduos, se pode constituir, nas palavras da autora, um indivíduo como um *Outro*, pois,

[...] enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Sobre a *Phénoménologie de la perception* de Merleau-Ponty, que estabelece uma discussão entre necessidade e contingência, onde o corpo é apenas um aspecto provisório e que não expressa a totalidade do indivíduo, Beauvoir (1970, p. 28), reflete que,

[...] a presença no mundo implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular. [...], pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. (op. cit., p. 52).

Com isso, Beauvoir (1970), apresenta elementos para se refletir sobre a existência de um mundo hierarquizado e, por conseguinte, questionar quais seriam os valores necessários para se subordinar determinados grupos, nesse caso, pela diferença de sexo.

Outra importante compreensão do gênero está baseada nas ideias de Judith Butler, que considera o gênero não existente em si, mas uma ficção reguladora dos corpos que por atos de repetição cria certa imagem de estabilidade de ações, desempenhadas por corpos considerados masculinos e femininos.

Butler (1990) defende a ideia desconstrucionista, pois considera que as transformações de gênero acontecem em atos *performáticos* e assim, não se pode considerar uma reprodução, mas pode estar modificando-se permanentemente.

Nessa perspectiva, considerar o gênero como um modo provisório ou uma atividade performática incessante, não significa necessariamente se tratar de algo automático ou mecânico. Pelo contrário, é uma prática de improvisação em fase de afinação. Além disso, o próprio gênero “não se faz” sozinho. Ele está sempre se constituindo na mediação com outros indivíduos.

Entretanto, Butler (2006), salienta que, dizer que o gênero é performático não significa apenas insistir no direito de produzir espetáculos agradáveis e subversivos, sem alegorizar as consequências espetaculares que se reproduz e se contesta na realidade. As consequências aparecem quando as configurações de gênero são criminalizadas e patologizadas.

Assim, pode-se dizer que não existem gêneros masculinos e femininos estáveis em posições opostas e bipolares, mas feminilidades e masculinidades em permanente construção/desconstrução. Enquanto os estudos sobre as feminilidades encontraram muitas adeptos a desenvolver estudos no campo da geografia, as masculinidades não geraram muitos questionamentos.

De acordo com Longhurst (2000), até a década de 1990, as pesquisas sobre masculinidades no âmbito da língua anglo-saxã não ultrapassavam o conceito já desgastado de alinhamento ao projeto político feminista, na perspectiva de desestabilizar o poder da masculinidade hegemônica. Outro ponto é a ideia fixa de constituição de uma masculinidade hegemônica em detrimento da possibilidade de se produzir inteligibilidades a partir da possível existência de diversas formas de masculinidades. Entretanto, as masculinidades e suas relações com o espaço foram desenvolvidas por autores como Peter Jackson (1991), Robert Connel (1995) e Michael Kaufmann (1994).

Conforme Jackson (1989), talvez a contribuição mais fundamental da corrente feminista para a teoria social teria sido o reconhecimento de que as noções de gênero são construídas socialmente. Para o autor, isso decorreu de um processo histórico que demandou suplantir as teorias baseadas na genética para a constituição das sexualidades.

De acordo com Connell (1995), a tarefa de “ser homem” envolve assumir uma negociação com a “masculinidade hegemônica”. Nesse aspecto, a identidade masculina é constituída por meio de estratégias, cumplicidades ou oposição à normatividade. Connell argumenta que a personificação do sujeito masculino não é um dado. Entre a variedade de formas possíveis de masculinidades, no entanto, são as masculinidades hegemônicas que sobressaem nas relações de poder. Ao realizar um questionamento sobre o conceito de “papel masculino”, Connel (1995, p. 188),

argumenta que: “ele não permite compreender questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material”. Para Kaufman (1987), a masculinidade é absorvida pelo indivíduo antes dos seis anos de idade e que, tendo sua forma definitiva após a adolescência, os jovens homens apreciam sua masculinidade. Entretanto,

[...] em todos os lugares existem sentimentos ambivalentes. Nem sempre essa internalização de masculinidade tem significado duradouro. Para o menino, a masculinidade é misteriosa e atraente (em sua promessa de um mundo do trabalho e de poder), e ainda, ao mesmo tempo, é ameaçadora (em sua estranheza e distância emocional) [...] funciona em ambos os sentidos; atrai e repele em contradição dinâmica. (KAUFMAN, 1987, p. 587).

As masculinidades são múltiplas e dependem de uma série de elementos conjugados como classe de renda, escolaridade, raça, idade e assim por diante como visto nos estudos já desenvolvidos. Na geografia brasileira, destacam-se os estudos geográficos sobre jovens do sexo masculino moradores de periferias pobres.

Os grupos sociais abordados pela geografia brasileira em torno das masculinidades consideraram as faixas etárias do Código Civil (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990) para definir as pessoas a serem pesquisadas, mesmo que todos os trabalhos apresentem uma crítica sobre o processo de vida que diferencia adolescentes, jovens e adultos. Argumentam eles que as fases não são vivenciadas de maneira exata, como reza o contrato social brasileiro. Entretanto, é a base legal que norteia grande parte de suas vidas como direitos e deveres.

Jovens e adolescentes do sexo masculino não vivenciam a cidade de maneira homogênea. Os jovens e adolescentes das periferias urbanas desenvolvem certamente outras experiências muito diferentes de jovens de classes de renda

média e alta. A marginalização econômica e social é um aspecto componente de masculinidades, consideradas não hegemônicas na concepção de Rossi (2010).

Para o autor,

os contextos espaciais e temporais específicos e o fato de que há masculinidades hegemônicas não esgota a possibilidade de novas abordagens das masculinidades, a partir de universos não hegemônicos e que sofrem a pressão das representações sociais do gênero masculino instituído pelo poder dos grupos centrais. (ROSSI, 2010, p. 95).

A sociedade atual reproduz elementos de um ideal de masculinidade, dificilmente de ver visualizado materialmente, mas que pesa e pressiona as pessoas sobre as quais este ideal é esperado que se cumpra. Este ideal de figura masculina na está associada à competitividade, à agressividade, à dominação, ao provimento e à proteção da família, no que é constantemente subvertido pelas experiências cotidianas de jovens homens da periferia urbana, como pode ser visto nos trabalhos de Rossi (2010) e Chimin Júnior (2009).

Nolasco (2003) considera que, nas sociedades contemporâneas, as razões econômicas contribuem para o surgimento de jovens violentos. Entretanto, Machado (2004) argumenta que, apesar de a condição econômica apresentar facilidades para que o jovem do sexo masculino aponte para o caminho do uso de drogas e/ou para um cotidiano violento, essa configuração já possui dinâmicas próprias da estruturação do espaço urbano.

Não existe uma posição específica para a vivência das masculinidades. Enquanto Rossi (2010) e Chimin Júnior (2009) analisaram adolescentes que promoviam a violência, Gomes (2013) e Rocha (2013) estudaram os jovens e adolescentes como vítimas da violência. Nesse sentido, as pesquisas em conjunto

evidenciam a posição sempre relativa e relacional da vivência de jovens e adolescentes do sexo masculino e o espaço urbano.

Rocha (2013) explora o uso do crack e a deterioração dos laços sociais e familiares deste grupo, mostrando a outra face do tráfico de drogas explorado por Rossi (2010) e por Chimin Júnior (2009). Gomes (2013) evidencia toda a vulnerabilidade desses jovens ao risco de morte pela sua associação à dependência química, dívida com traficantes e vinganças entre grupos rivais.

Machado (2004) aponta que existe uma posição simbólica ocupada pelo masculino como agente do poder de violência. Entretanto, os dados apresentados pelo “Mapa da Violência” (WAISELFISZ, 2014) apontam algo real, como a arma de fogo, como principal fator de vitimização de jovens homens.

Rossi e Chimin Junior (2009, p. 234), ao dissertarem sobre as masculinidades de adolescentes de periferias pobres, em conflito com a lei, asseveram que, na maioria das vezes, esses sujeitos também “[...] produzem tensões nas estruturas hegemônicas das masculinidades”.

Por vezes, jovens homens do sexo masculino, moradores de periferias pobres são simultaneamente promotores e vítimas de violência em seu cotidiano. Essa percepção faz parte de sua existência espacial e nos processos de interpretação dos riscos que correm e das ações que podem cometer e suas consequências, o medo é um elemento componente das masculinidades exercitadas na cidade.

O medo é uma emoção humana que se faz de experiências contextuais. Maturana e Verden-Zöller (2004) afirmam que é por meio de jogos entre ação e emoção que se estabelecem relações hierarquizadas na vida cotidiana e a justificativa de controle, de poder e de dominação entre pessoas por meio da apropriação de verdades constituídas ao longo do tempo. O medo não é uma

emoção que se faz de forma homogênea a todas as pessoas. Esta emoção depende da forma como as pessoas estão em relações às outras e como se constituem os processos de vulnerabilidade, estruturas de dominação, eixos de opressão ou riscos de si.

Assim como desenvolvem atos violentos, os jovens homens estão também sujeitos a eles e esta sensação faz parte de sua experiência urbana. Furedi (2007) aponta que a manutenção de certos arranjos semânticos associados ao medo como “política do medo”, “medo da criminalidade” e “medo do futuro” contribui para a instalação e manutenção de uma dinâmica da cultura do medo. O historiador Jean Delumeau (2009) em seu livro *História do medo no ocidente* destaca que, ao longo da história, uma ideia amplamente difundida fez com que se confundisse medo e covardia, coragem e temeridade.

Morais (1981) ressalta que a violência está intimamente relacionada com os elementos associados ao medo, à desconfiança e à ameaça. Para o autor, nem sempre se trata de força bruta, mas se apresenta de forma não explícita e dotada de subjetividade, pois “onde há medo, há ameaças; e onde estão as ameaças, está a violência” (MORAIS, 1981, p. 16).

De acordo com Bauman (2008), diferente dos animais em geral e além do medo inato, o ser humano vivencia um medo histórico, social e culturalmente “reciclado”, associado às sensações de insegurança e vulnerabilidade. Sem dúvida, o medo é um elemento presente na vida contemporânea e se esse sentimento esteve sempre presente, por mais que camuflado pelas atuações heroicas construídas pela literatura.

Embora os adolescentes do sexo masculino, moradores das periferias estejam submetidos a situações de tensão permanentes, esse sentimento tende a conduzir o comportamento posterior do sujeito, quer ele vivencie uma situação real

de perigo ou não. Um dos medos “derivados” apontados por Bauman (2008) está associado à ameaça a posição do sujeito em seu contexto espacial. Para Bauman (2008, p. 9),

O “medo derivado” é uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como o sentimento de ser suscetível ao perigo; [...] uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo.

De acordo com Furedi (2007), os estudos que abordam o tema tendem a associar a sensação de medo como sinônimo de risco. Para o autor, o medo é muitas vezes analisado em relação a questões específicas, mas raramente considerado como um problema sociológico. Entretanto, embora dissociados, medo e risco são intimamente relacionados.

Pain (2001) afirma que, desde o início dos anos 1980, os estudos envolvendo o medo no espaço urbano ganharam diversas interpretações, incluindo-se desde renda, classe, área de residência, local de moradia, orientação sexual, experiências de vitimização, dentre outros. Na atualidade, existe a necessidade de se compreender uma complexidade de fatores que geram tensão e medo no espaço urbano.

As pesquisas que abordam o medo como uma sensação presente no espaço urbano tendem a trazer os temas como o medo e a consciência do risco (SLOVIC, 1987), o medo no espaço urbano (ELLIN, 2003), medo do crime (DANTAS; PERSIJN; SILVA JUNIOR, 2006), medo do outro (BEAL, 2003), a cultura do medo (GLASSNER, 1999; FUREDI, 2007; BAUMAN, 2008, TUDOR, 2008), dentre outros.

O medo, portanto, aparece como emoção que se dá em espaços próprios e no reconhecimento das pessoas de sua situação de vulnerabilidade e sua capacidade de responder a dominação que proporciona a sensação de risco ou fragilidade. Sendo assim, é preciso que se aprofundem os estudos das relações entre as pessoas e se pense o medo para além das fronteiras culturais construídas.

Pain (2001), por exemplo, explica as implicações do sexo feminino, da raça e das sexualidades dissidentes nas vivências do espaço público urbano, evidenciando que o contexto racista, patriarcal e heteronormativo é percebido pelas pessoas que disparam emoções de medo. A autora evidencia que o medo é vivenciado como reconhecimento dos eixos de opressão que perpassam as pessoas em suas experiências urbanas. Contudo, ela evidencia que o medo não gera apenas a subordinação, mas também estratégias de subversão.

O estudo de Evans (2006) apresenta o medo de jovens do sexo feminino ao sair pelas ruas da cidade pela noite. Segundo a autora, as jovens sentem-se expostas à violência sexual, às fofocas de sua conduta moral e à exploração. Elas se apropriam das representações hegemônicas sobre a impropriedade de mulheres vivenciarem as noites das cidades sozinhas. Essas representações são construídas culturalmente e em diferentes contextos. O medo se faz assim no reconhecimento das jovens de sua condição de vulnerabilidade frente a dominação do olhar masculino que sexualiza sua presença nas ruas da cidade no período da noite.

O reconhecimento de vulnerabilidade como objeto de agressividade sexual masculina contra mulheres jovens nas ruas do Cairo foi estudo de Koning (2009). Para esta autora está claro que o medo é uma emoção que se constrói nas relações de poder e no reconhecimento da vulnerabilidade das pessoas quando tensionadas nas relações que hierarquizam sujeitos em situação de opressão.

Enfim, percebe-se uma variedade de temas e estudos pautados nas geografias feministas, que tem discutido a experiência espacial e sua relação com o medo. Os estudos evidenciam que os marcadores de gênero, raça/etnia, classe e sexualidades são fundamentais para compreender o espaço como experienciado pela emoção do medo, como demonstra Valentine (1992).

Pain (2001) argumenta que as experiências espaciais marcadas pelo medo é produto de uma violência estrutural sistemática que as constantes situações de ameaça trabalham constantemente para lembrar determinadas pessoas de sua constante vulnerabilidade. O medo, portanto, não é meramente uma resposta direta à uma violência concreta, mas também é o resultado da produção social da vulnerabilidade de alguns grupos.

Embora constituem elementos importantes para a construção das inteligibilidades no contexto desta pesquisa, estes trabalhos tiveram como foco principal a experiência espacial de medo de jovens mulheres. Os estudos que discutem o medo e as espacialidades de jovens homens são mais incomuns.

O artigo de Brownlow (2005), sob o título '*A Geography of Men's Fear*' traz uma importante dimensão dos medos contidos na experiência urbana de jovens homens no contexto da cidade da Filadélfia, a mais populosa do Estado norte-americano da Pensilvânia. O autor aponta os elementos que representam tensão na vivência de jovens homens afro-americanos no contexto do espaço urbano de Filadélfia, assim como indica que o medo está associado a diversos contextos e situações. Sua pesquisa aponta que a probabilidade dos jovens homens se envolverem em uma situação de vulnerabilidade e tensão era quase três vezes maior do que seus homólogos do sexo feminino.

O estudo de Brownlow (2005) assenta-se sobre Cobbs Creek, o maior bairro de West Philadelphia, onde, no ano de 2000, sua população era constituída

majoritariamente de afro-americanos (98,5%). A comunidade apresentava níveis elevados de desemprego, especialmente entre os homens em idade produtiva. Soma-se a isso, o assustador crescimento das taxas de criminalidade, entre os anos de 1996 a 2000.

Brownlow (2005) trabalha com a percepção de segurança dos jovens homens. Isto proporcionou ao autor criar uma escala para a sensação de medo, onde as variáveis ou condições eram elementos importantes para o julgamento de determinadas situações, sendo categorizadas como “segura”, “relativamente segura”, ou “não segura”.

A metodologia utilizada por Brownlow (2005) consistiu de apresentar uma série de treze imagens que refletem uma variedade de tipos de paisagem e situações. Diante das situações apresentadas pelo autor, os sujeitos pesquisados deveriam apontar como se sentiam em relação às espacialidades apresentadas. Assim, teriam categorizar as situações em que consideravam: (1) visão, a capacidade de conhecimento dos arredores; (2) isolamento, que se refere a condição ou a percepção de isolamento), e (3) de escape, isto é, a presença ou a percepção de uma saída fácil.

Sob as condições de não estar só, o aumento da segurança percebida a partir das várias situações entre os jovens homens foi equivalente com a percepção das estudantes do sexo feminino. No entanto, para as estudantes a probabilidade de considerar uma situação como não segura era duas vezes maior, mesmo quando acompanhadas. Da mesma forma, enquanto houve um consenso entre as estudantes do sexo feminino para a falta de segurança em estar sozinhas, os jovens homens indicaram maior vulnerabilidade quanto estão acompanhados.

Portanto, pode-se argumentar se o medo dos homens difere do medo das mulheres, justamente porque os sujeitos não estão relacionados a diferentes

relações de gênero. As estruturas de dominação de uma sociedade branca, masculina, adultocêntrica, heteronormativa, burguesa também oprime alguns grupos de homens em seu processo de vivência da cidade.

Os homens em determinadas condições são também vulneráveis. Um adolescente negro, homossexual, morador de uma periferia pobre está em posição de desvantagem estrutural em relação a um homem adulto, branco, de classe de renda alta, heterossexual. Assim, são muitas maneiras de se vivenciar as masculinidades e o espaço, já que as experiências individuais não podem ser consideradas homogêneas, apenas considerando o gênero.

Os jovens do sexo masculino são alvo de críticas sociais por desenvolverem parte de sua masculinidade ligada aos atos de violência como verificado em Rossi (2010). Porém, na atualidade, elementos como a vitimização na esfera pública (COHEN, 2002) e o risco (LUPTON, 1999), compõem, juntamente com as tensões vivenciadas em seu cotidiano marcado pela exclusão, o trinômio valorativo que contribuem para a sensação de medo.

Goodey (1997) destaca a importância de se considerar, além da renda, outras categorias sociais, especialmente idade, sexualidade e classe. Enquanto jovens do sexo masculino podem admitir a preocupação com o medo, a cultura da masculinidade faz dessa sensação uma condição menos aceitável.

Além do próprio estigma representado pelo gênero, alguns lugares precisam ser negociados como espaços de permanência dos jovens, como o centro urbano. São diferentes as sensações percebidas ao se negociar a vivência nesses espaços. As construções de legitimidade perante o risco e o medo passam por aspectos particulares como diferença grupal, gênero, classe e renda.

Os jovens não só enfrentam maiores riscos de vitimização mas também uma maior socialização no medo, pois a violência é uma das principais razões para a

privação de experiências espaciais urbanas. No momento em que estão propensos a uma vivência mais autônoma, esses espaços se tornam espacialidades possíveis. Entretanto, nem todas as representações de medo estão associadas à negociação de espaços ou interdições, em detrimento de uma vivência mais plural.

Os jovens homens, moradores de periferia, tradicionalmente rotulados como temidos, também podem produzir sensações de medo como resposta a sua vivência na cidade. Percebe-se que alguns lugares são mais propensos ao sentimento de medo na cidade, seja nos bairros periféricos ou nas áreas centrais, entretanto a partir da análise das diferentes falas sobre como o medo interfere nas práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, se percebe que esse sentimento está para além da produção de significados tangíveis, mas perpassam as inteligibilidades das masculinidades.

1.2 ESPAÇO ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DAS MASCULINIDADES DE JOVENS HOMENS DE PERIFERIA

Na seção anterior foi realizada uma argumentação das diferentes formas de análise do espaço urbano, trazendo a perspectiva econômica, as críticas e superações em direção à associação aos elementos culturais, entre eles o gênero, mais especificamente as masculinidades. Ao contrário de imaginar uma sociedade em que organiza os gêneros de forma oposta e bipolarizada entre o feminino e o masculino, com vantagens deste último, foi argumentado que existem muitas possibilidades de vivência de masculinidades e entre elas, as masculinidades de

grupos vulneráveis que trazem em suas experiências urbanas o medo como emoção em suas vivências.

Nesta seção são evidenciadas as experiências espaciais de adolescentes e jovens do sexo masculino, tomando como fragmento do espaço urbano o espaço escolar, já que este último tem como foco de aglutinação de crianças e adolescentes. O espaço urbano pode ser infinitamente recortado em distintas escalas. Pode-se estudar geograficamente qualquer recorte espacial que se considere válido como representativo de um fenômeno. Ao trilhar os caminhos para compreender o medo como componente da vivência de jovens homens optou-se por explorar principalmente a escola. A grande maioria da experiência espacial urbana de adolescentes e jovens se dá a partir de sua frequência à escola, sendo esta a grande centralizadora da existência urbana dessas pessoas (HORTA, 1998).

A escola pode ser compreendida enquanto instituição de ensino, normatizadora da sociedade, mas também como um espaço. Para esta pesquisa, a escola é um espaço geográfico em profundas relações com a cidade. A escola, segundo Giroux (1986), possui estruturas, normas, valores e crenças, mas há subjetividades que são compartilhadas por meio de regras subjacentes que compõem as rotinas e as relações sociais.

A escola, por ser um elemento presente no cotidiano deve ser pensada como um elemento integrado ao espaço urbano. Para Giroux (1986), a escola é uma instituição que se alia com outras como a igreja, a família, o Estado e tende a reproduzir um padrão disciplinar.

Kozel (2009) destaca que o mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos valores, atitudes e vivências e a escola é

um espaço fundamental na constituição deste mundo cultural, notadamente para crianças e adolescentes.

Nesse sentido, a escola deve ser compreendida pela geografia como espaço escolar, conforme argumentam Junckes e Silva (2009). Os autores afirmam que a geografia “(...) tem um papel fundamental. É um campo de saber capaz de problematizar o espaço escolar em sua dupla dimensão e trazer para a discussão a pluralidade de relações socioespaciais que o sustentam” (op. cit., p. 155).

Assim, a escola é um espaço geográfico instituído por vários eixos de relações em constante tensionamento. Além disso, Junckes e Silva (2009) argumentam que o espaço escolar, mesmo que mantendo suas especificidades funcionais, é parte integrante da cidade, sofrendo e ao mesmo tempo implicando na constituição do espaço urbano.

Nesse sentido, tal qual argumentado na seção anterior sobre o espaço urbano ser constituído de práticas de segregação, exclusão ou má distribuição de recursos materiais, o espaço escolar deve ser compreendido como parte deste mesmo processo. Junckes e Silva (2009) argumentam que a escola é simultaneamente um espaço promotor de inclusão, convivência das diferenças e do acesso democrático ao conhecimento, mas também o espaço de reprodução de práticas excludentes para determinados grupos sociais.

O espaço escolar é uma possibilidade de escala de análise das vivências urbanas de crianças e adolescentes, pois é a partir dele que suas identificações são desenvolvidas. Carvalho (2012, p. 209-10) argumenta que,

[...] se considerarmos que as identidades são modos de inscrição que vinculam as instituições e os seres ao meio e à cultura, a escola, querendo ou não, estará sempre presente no processo identitário dos adolescentes, funcionando, também, como um espaço em que a experiência subjetiva se confrontaria com o mundo social.

Assim, o espaço escolar se faz do encontro de diversos sujeitos diferentes posicionados social e espacialmente. A vivência cotidiana do espaço escolar possibilita desejos, paixões, repulsas, rusgas, agressões, violência, assim como superações e alegrias. O espaço escolar é também produzido pelos sujeitos que compõem sua comunidade, mas também de elementos que estão fora dos muros da instituição. O espaço escolar pode ser gerador de conflitos que permeiam o espaço da cidade, como também o espaço para onde se convergem os conflitos externos a ele.

A escola é um espaço complexo e vivenciado muitas horas do dia e por diversos anos na vida de crianças e adolescentes e nesse sentido, ele é parte constituinte da cidade. Assim, o espaço escolar constitui e é simultaneamente constituído pelas ideias de gênero, raça, idade, sexualidade e assim por diante.

Para os adolescentes do sexo masculino, portanto, pode-se dizer que o espaço escolar constitui boa parte de suas performances de masculinidades, já que a escola é vivenciada cotidianamente. Assim, as múltiplas masculinidades que se fazem em diferentes locais da cidade se encontram, constituem-se e tensionam o espaço escolar. Considerando a escola como uma escala de análise do espaço urbano, pode-se dizer que o espaço escolar se compõe de elementos comuns à sociedade que lhe deu origem. Em uma sociedade, machista, sexista, heteronormativa, a escola será parte integrante desta sociedade. Entretanto Carvalho (2012) também acredita no potencial subversivo do espaço escolar que não é passivo e pode gerar outras formas de relação e influenciar a cidade.

Enfim, o espaço escolar é fonte inesgotável de análise, notadamente da população da faixa etária que o frequenta. É no cotidiano escolar que se instituem representações da realidade social, passíveis de posicionar os sujeitos no mundo, criando sentidos próprios e simultaneamente coletivos.

Moscovici (1978) explora a cotidianidade e os processos de elaboração e circulação de representações sociais. Como o espaço urbano e, por consequência, o espaço escolar é considerado como um espaço relacional e, portanto estão em jogo as representações de mundo, foi trazido para esta análise o conceito de representações sociais de Moscovici (1978), para a qual, as representações sociais são “uma modalidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (op. cit., p. 26). Seu argumento é de que são as representações que constituem sentidos ao comportamento humanos e que integra pessoas em determinadas redes de relações sociais.

As relações sociais estabelecidas estão vinculadas às representações, mediadas pelo processo de comunicação que pode ser por meio de comportamentos, gestos, tipos de falas e assim por diante. O espaço escolar, enquanto componente da vida cotidiana de crianças e adolescentes é um importante elemento relacional da instituição de representações sociais, nos moldes de como pensa Jodelet (1991). Segundo ela, as pessoas, a partir de suas experiências elaboram opiniões e crenças que acabam por ser subsídios da produção da própria realidade social.

Leme (1993) lembra que as representações sociais são mais do que meras opiniões, mas são como teorias internalizadas que produzem sentido. Argumenta ainda que é preciso considerar que o processo de elaboração de representações sociais não é algo exterior que é simplesmente acatado pela pessoa, mas uma reconstrução em que o contexto e as relações sociais são constitutivas do processo de elaboração. Leme (1993) alerta não haver possibilidade de reprodução de representações, já que sua elaboração é um processo criativo e dependente do sujeito e suas interações sociais e portanto, também espaciais.

Spink (1993) por sua vez, reforça a ideia de que as representações sociais, embora possam ser acessadas por componentes cognitivos como imagens, linguagens, comportamentos, devem ser compreendidas em um contexto de produção simbólica.

Cabe ainda lembrar que as representações sociais estão em permanente processo de transformação. Jovchelovitch (2000) afirma que elas,

[...] expressam, em sua estrutura interna, permanência e diversidade, tanto a história como realidades atuais. Elas contêm em si tanto resistência à mudança como sementes de mudança. A resistência à mudança se expressa pelo peso da história e pela tradição, que impinge sobre os processos de ancoragem e objetificação. As sementes da mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais, notadamente a conversação. A fala é precisamente o produto de um processo contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, de idéias que se formam precisamente enquanto são faladas. (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41).

As transformações nunca se dão em processo harmônico, mas em dinâmicas constantes de tensionamentos e poderes. Jovchelovitch (2000) argumenta que não há possibilidade de neutralidade nos processos de criação e circulação das representações sociais. As diversidades de representações que se entrecruzam para esta autora são os jogos simbólicos de poder que estão pautadas em lutas sociais mais amplas. Há um movimento temporal na dinâmica das transformações das representações sociais, mas também espacial. O tempo, bem como o espaço são elementos instituintes de representações sociais. Os encontros de culturas diferentes pessoas provindas de diversos espaços da cidade produzem tensionamentos e transformações de representações sociais.

É nesse sentido que as representações sociais do espaço urbano no contexto da produção das masculinidades, pode ser compreendida pelo encontro de diferenças no espaço escolar.

Moscovici (2003) sustenta a ideia de que as representações das experiências cotidianas são alteradas quando as pessoas alternam entre diferentes grupos sociais. As representações sociais se apresentam na formação dos mais diferentes grupos, que entre os jovens do sexo masculino podem se caracterizar os moradores de diferentes bairros, os estudantes de determinadas escolas ou os jovens do sexo masculino que vivenciam o espaço urbano, ou uma variedade de situações.

Nesse sentido, as representações sociais instituídas no processo de produção de masculinidades a partir de pessoas que possuem um cotidiano fortemente pautado pelo espaço escolar é um interessante caminho investigativo para a ciência geográfica.

1.3 O ESPAÇO ESCOLAR E A VIVÊNCIA DO MEDO: O PERFIL DOS JOVENS HOMENS PESQUISADOS

As seções anteriores realizaram uma discussão conceitual que sustenta a investigação sobre as representações sociais de jovens moradores da periferia do espaço urbano de Ponta Grossa, no exercício de suas masculinidades.

O espaço escolar e sua relação com os atos de violência cometidos por crianças e adolescentes em Ponta Grossa foi tema de pesquisa de Adriane Iaroczinski (2009). A autora, com base nos dados da Patrulha Escolar da Polícia

Militar de Ponta Grossa evidenciou que haviam diferenciais de intensidade de atos de violência que eram cometidos em diferentes escolas.

Segundo a pesquisa de Iaroczinski (2009), as escolas que congregavam pessoas de diferentes áreas da cidade e que acolhiam pessoas na faixa etária da adolescência eram as que apresentavam maiores níveis de atos de violência. Além disso, segundo este mesmo estudo, há uma diferenciação entre meninos e meninas, tanto no perfil, quanto na quantidade de atos de violência cometidos.

O estudo de Iaroczinski, registrado entre 2005 e 2007, aponta que os jovens do sexo masculino estavam presentes em 60,9% das ocorrências de violência no contexto escolar. No jogo posicional autores/vítimas de violência, das 441 ocorrências registradas, 66,9% das vezes, o autor era do sexo masculino. Quando se trata da posição 'vítima de violência', um dado a se destacar é que o jovem do sexo masculino apareceu em 46,44% das ocorrências, enquanto 53,56% eram meninas. Esses dados ratificam os estudos de gênero sobre os dados da violência, mesmo que se relacione a sua vitimização como contrapartida dessa relação.

O fio condutor de análise de Iaroczinski (2009) foi compreender o espaço escolar enquanto um espaço de relações, hierarquizações e tensionamentos entre diferentes membros da comunidade escolar. Seu argumento é que uma sociedade violenta, não deixa os atos de agressão para fora dos muros da escola, mas a violência passa a compor o cotidiano escolar.

Se o cotidiano escolar é vivenciado pela violência, fortemente cometida por adolescentes do sexo masculino, como evidenciou a pesquisa de Iaroczinski (2009) pode-se afirmar que o universo masculino, além de promotor de violência escolar é simultaneamente uma vítima, o que o coloca em situação de alerta ao risco, como argumentado por Rachel Pain (2001).

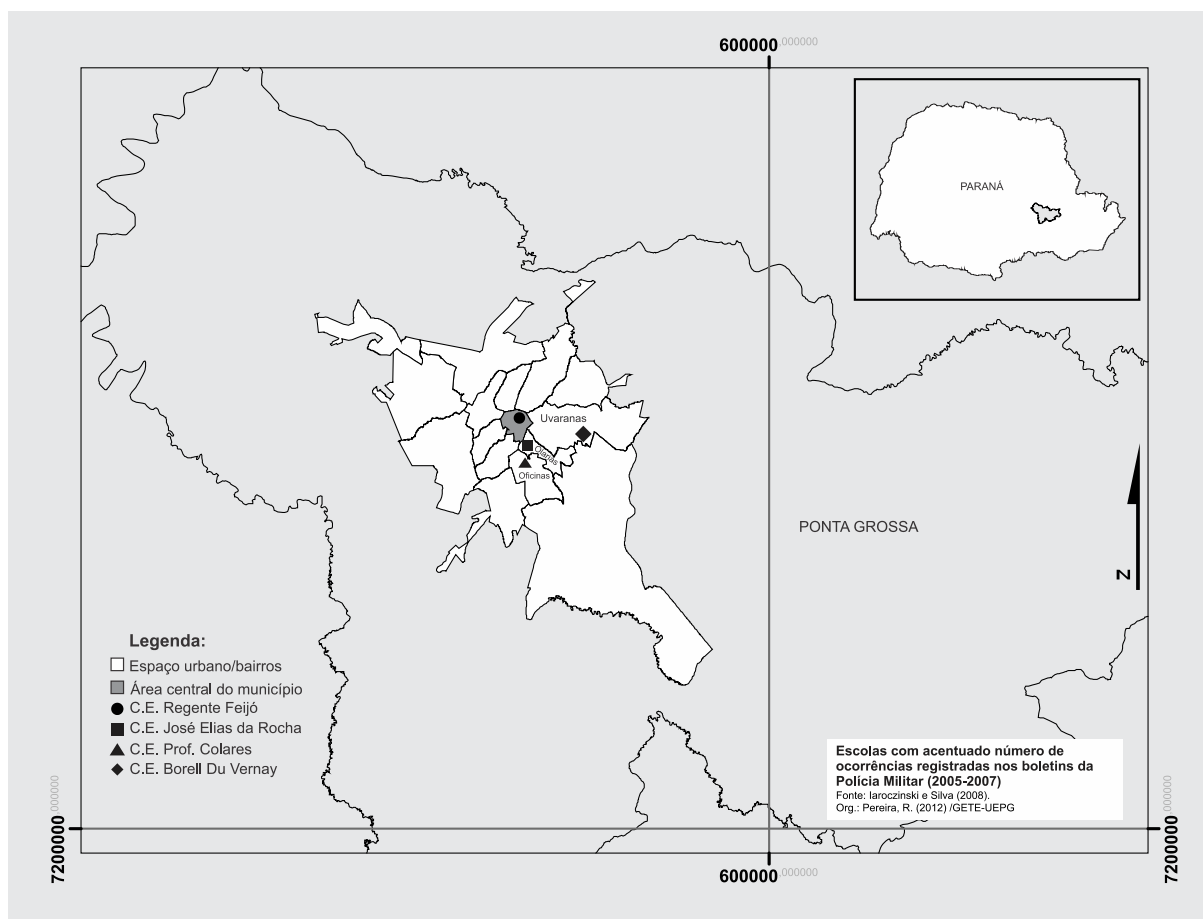
Segundo dados do IPARDES, em Ponta Grossa, a população estudantil no ensino médio, em 2012, era de 15.851 estudantes. Deste universo, distribuído em escolas privadas, estaduais e municipais, 77,9% eram oriundos das escolas estaduais (IPARDES, 2013).

O ranking das escolas públicas do município de Ponta Grossa, que apresentavam acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar, entre 2005 e 2007, elaborado por Iaroczinski (2009), foi o instrumento utilizado como referencial para o apontamento das escolas escolhidas para o levantamento de dados e informações da pesquisa. As instituições escolares escolhidas para a realização da pesquisa foram os Colégios Estaduais Regente Feijó, José Elias da Rocha, Professor Colares e João Ricardo Von Borell Du Vernay (Cartograma 1).

Estas escolas foram investigadas no sentido de produzir um perfil das pessoas que vivenciam o espaço escolar, apontado por Iaroczinski (2009) como sendo um espaço permeado pela violência. E, por conseguinte, pelo medo.

Após a escolha das escolas, baseadas no trabalho de Iaroczinski (2009), a pesquisa foi iniciada com a aplicação de questionários fechados (conforme apresentado no Apêndice A) com 346 alunos, das três séries do ensino médio, envolvendo 43,9% de meninas e 56,1% de meninos com idade entre 15 e 23 anos.

CARTOGRAMA 1 – Caracterização da área de estudo – Escolas com acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar (2005-2007).



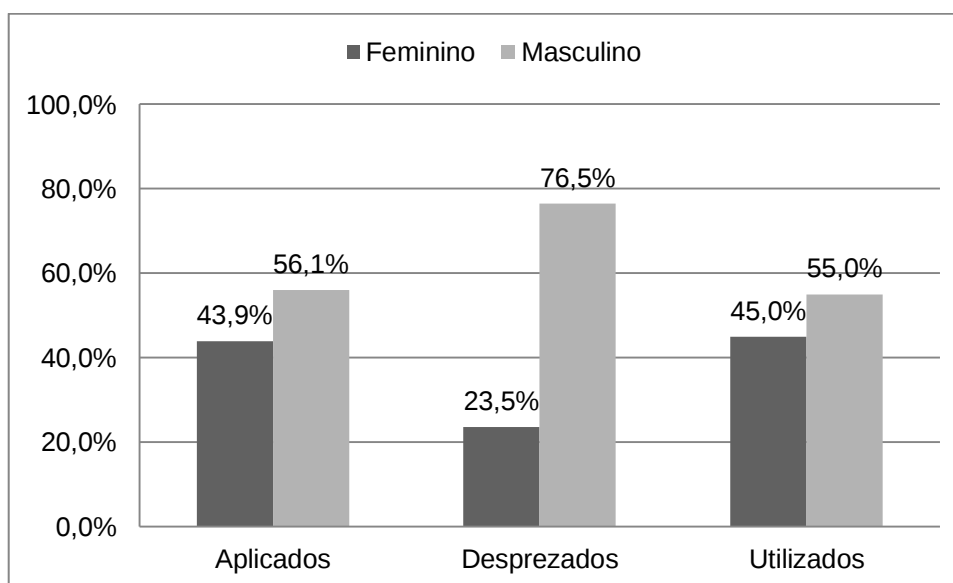
Fonte: Iaroczinski e Silva (2008). Org.: Pereira, R. (2012)/GETE-UEPG

Essa fase inicial da pesquisa serviu para uma aproximação com o grupo e sondagem para encontrar pessoas dispostas em conceder entrevistas em profundidade. Mesmo inicial, a sistematização dos dados trouxe uma série de dados que serviram para a estruturação do roteiro de entrevistas. Os elementos do cotidiano desses jovens incluíam as relações de poder, as interdições, os conflitos e as infrações como componentes de sua vivência no espaço urbano.

Os dados coletados na primeira etapa da pesquisa empírica através do questionário respondido por 346 estudantes das quatro unidades educacionais que compuseram a amostra do presente estudo, permitiram pensar um perfil dos jovens retratados nesta pesquisa. Dos 346 estudantes que compuseram a amostra da pesquisa, com idades entre 15 e 23 anos, 52% estão na faixa etária dos 15 anos, ou seja, mais da metade do universo da pesquisa, sendo que 67% cursavam o 1º ano, 17% o 2º ano e 16% o 3º ano do Ensino Médio.

Do total de 346 questionários respondidos, foram utilizados 329 questionários para sistematização. Outros 17 foram desprezados por apresentarem problemas de preenchimento, que inviabilizaram a tabulação. Do total de questionários, 55% foram preenchidos por meninos e 45% por meninas.

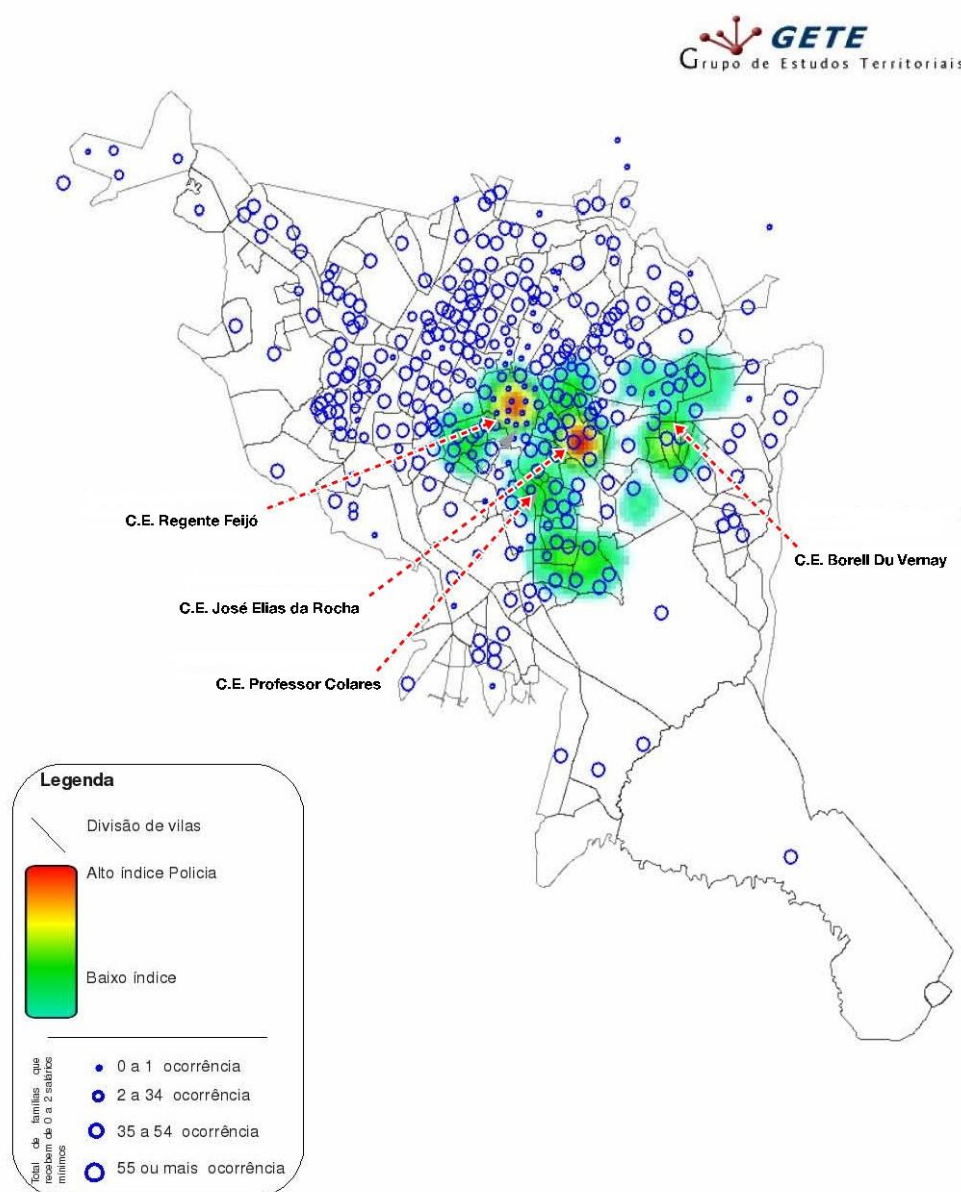
GRÁFICO 1 – Questionário aplicados, desprezados e utilizados, percentual por sexo



Fonte: Questionários aplicados (PEREIRA, 2013).

Dos dados a se destacar, quanto ao contexto de moradia, 92% moram em regiões periféricas; 42% passam a maior parte do tempo entre escola e residência; 56% não possuem outras atividades além dos estudos, enquanto 44% dividem seu tempo entre trabalho e estudo.

CARTOGRAMA 2 – Contexto de moradia dos estudantes das escolas pesquisadas



Org.: Pereira (2013). Fonte: Iaroczinski (2009)/GETE. *Dados coletados no período 2005-2007.

Com a aproximação com os jovens homens que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, foi possível registrar seus relatos de vivências do espaço escolar e suas representações da cidade a partir das masculinidades. No capítulo que se segue, os discursos serão analisados de forma a perseguir as respostas para a questão estabelecida.

Esse capítulo teve como fio condutor a construção de um caminho analítico da relação entre espaço urbano e medo sob o foco das representações sociais dos adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa, Paraná. Nesse sentido, o espaço urbano foi discutido a partir de uma perspectiva de pluralidade de significações possíveis de serem construídas por diversos grupos sociais. O espaço urbano interpretado pelos adolescentes, foco desta pesquisa, trazem elementos de medo e tensão, gerados por configurações específicas do urbano.

Além de pensar as tensões produzidas por esses sujeitos no espaço urbano como resultado de suas próprias interpretações espaciais, percebeu-se, assim, que a escola é um espaço social propício de apresentar uma variedade de perfis de relações de gênero, classe, renda e idade. Se o ambiente escolar também abriga sujeitos que vivenciam um espaço de conflitos, é possível se pesquisar as representações sociais desses jovens, tendo como abordagem, o medo.

Por se considerar que a ciência geográfica ocidental contemporânea tem caminhado para o estudo de fenômenos plurais, houve também a preocupação em valorizar as espacialidades dos sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, as masculinidades periféricas. Também teve a intenção de observar as tensões da realidade, a fim de compreender a influência das masculinidades de grupos de jovens do sexo masculino ao em suas práticas espaciais.

Por meio dos significados culturalmente atribuídos e espacialmente delegados às diferentes práticas, pode-se dizer que essa configuração é negociada

por meio da idade dos indivíduos, códigos de respeito e a maneira com que externam suas emoções. Sendo assim, as práticas espaciais desses adolescentes tem configurado a vida social urbana, sendo a posicionalidade desses sujeitos sinônimo de *status*, assim como suas vivências, base para a formação de elementos constitutivos das masculinidades.

O capítulo 2 “MEDO E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO, MORADORES DA PERIFERIA URBANA DE PONTA GROSSA, PARANÁ” tem como meta explorar o medo como um componente das práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia urbana que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa.

2 MEDO E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS JOVENS DO SEXO MASCULINO, MORADORES DA PERIFERIA URBANA DE PONTA GROSSA, PARANÁ

Já fomo atrás de um cara e não conseguimo pegar, de moto, em dois, na Cipa. Os caras são foda. Demos um balão, se achasse...
(Leandro, 17 anos, entrevista realizada em 14 de maio de 2013)

Este capítulo objetiva estabelecer os elementos que marcam as práticas espaciais dos jovens homens. Buscou-se pensar os discursos e vivências de jovens marginalizados que vivenciam o espaço urbano por meio da teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978), por permitir explorar os fenômenos em suas relações de interdependência e dinamicidade.

As representações sociais podem ser discutidas por diferentes enfoques. Entretanto, de acordo com Sá (1998), três abordagens se sobressaíram desde a proposição de Moscovici (1978): Jodelet (2001), por difundir a proposta inicial; Doise (1990), que se propõe a refletir sobre os aspectos sociológicos das representações sociais; e a metodologia do núcleo central, proposta por Abric (1998).

Esta pesquisa se aproxima da metodologia do núcleo central, proposta por Abric (1998), pois considera que dissecar a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais significa aproximar-se das representações de um grupo social. Para Abric (1998, p. 38), “uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes; ele constitui um sistema sociocognitivo particular composto de dois subsistemas: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico”.

No contexto da metodologia proposta por Abric (1998), no núcleo central a memória transcende do ponto individual ao coletivo e a representação é mais estável e consistente; enquanto que os elementos periféricos das representações estão atrelados à realidade mais próxima dos indivíduos, por isso são intercambiáveis e flexíveis. No bojo do núcleo central estão os elementos normativos, ligados aos valores e crenças dos indivíduos junto ao seu meio social e os aspectos funcionais, ligados à natureza do objeto pesquisado.

Doise (2001) explica que as experiências sociais, o cotidiano dos grupos e as relações de poder constituem a dualidade causa-consequência das situações ocupadas pelos indivíduos em determinado contexto social.

Neste sentido, as interações entre os fenômenos sociais e seus componentes, em vez de coexistir em categorias individuais como ponto de partida da pesquisa empírica e teorização, assume que pensamento e comunicação são multifacetados e heterogêneos. Parte-se também do pressuposto que, para se compreender as dinâmicas desses grupos sociais, se faz necessária também pensar suas representações espaciais.

Assim, estabeleceu-se como premissa, buscar respostas sobre como o medo interfere nas práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia, que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná.

O presente capítulo está organizado em duas seções, trazendo as categorias principais que sustentam a dissertação, no que se refere às práticas espaciais dos jovens homens pesquisados: a interdição, as relações de poder, os conflitos e as infrações. Enquanto que a primeira trabalha com o elemento da interdição como vivência cotidiana do jovem do sexo masculino morador de periferias urbanas, a segunda seção traz o medo, as tensões e os conflitos como elementos de insegurança do espaço urbano vivenciado pelos jovens homens.

2.1 A INTERDIÇÃO COMO VIVÊNCIA COTIDIANA DO JOVEM DO SEXO MASCULINO MORADOR DE PERIFERIAS URBANAS

Segundo Tigre (2013), juventude e violência são elementos forte e intimamente interligados com o contexto escolar. Sua vivência é plural e sua experimentação espacial é rica e multidimensional. Assim, pode-se dizer que os elementos do cotidiano dos jovens homens podem ser representados por situações caracterizadas por relações de poder, interdições, conflitos e infrações.

De acordo com Spink (1995, p. 103):

A pesquisa sobre as representações sociais, estando comprometida com situações sociais naturais e complexas - requisito imprescindível para que sejam acessadas as condições de sua produção - é, necessariamente uma pesquisa qualitativa.

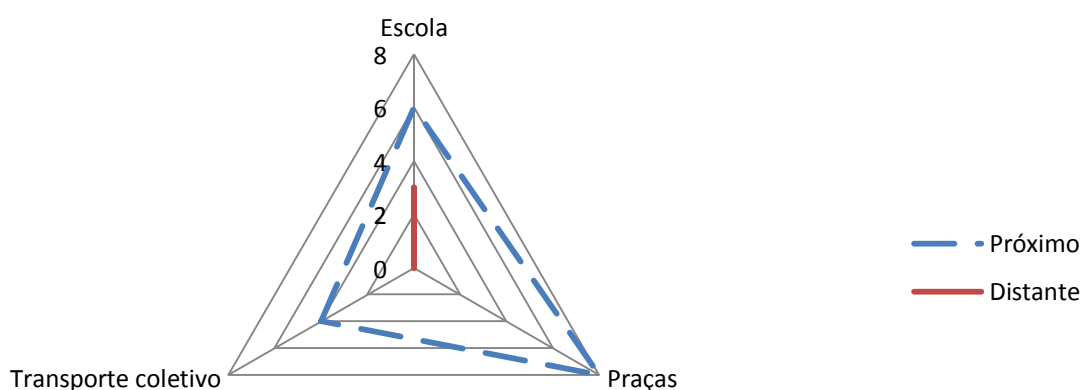
Muitas das respostas dos jovens pesquisados estão relacionados aos locais onde sua presença é, de algum modo, negada. Ao analisar os aspectos funcionais de sua vivência se pode entender as complexas espacialidades que os jovens experienciam. Erikson (1987, p. 129) ressalta que é necessário analisar “a integração dos elementos, uma unidade mais vasta, indefinida em seus contornos e, no entanto, imediata em suas exigências: a sociedade”. Há um equilíbrio entre o contexto de vivência espacial dos adolescentes pesquisados com relação a sociabilidade, onde se percebe que a vivência individual e a de grupo é negociada pelos próprios sujeitos.

Muitos jovens evitam a exposição em certas áreas, pois são forçados a pensar esses espaços como espaços excludentes; outros experienciam o assédio e o medo desde seu ingresso no mundo da adolescência. No entanto, a juventude

aprende a gerenciar esse movimento excludente. Assim, reconhecem esses espaços sem necessidade de movimento de guarda ou em outros onde criam mecanismos de defesa como alternância de lugares, mudanças de estilo de roupa e de contexto grupal. Para Silva (2009, p. 143), “nos jogos da intertextualidade que produzem a cidade há o texto/cidade [...], e é esta experiência espacial que chamamos de ‘produção do espaço interdito’”.

Os elementos ‘escola’, ‘transporte coletivo’ e ‘praças’, presentes no imaginário dos jovens homens, em uma realidade difusa são também fatores que interferem em sua vivência espacial. Charlot (2005) usa a expressão bairro para exemplificar o contexto de vivência dos jovens, onde os problemas nas relações que ocorrem nesta escala de poder, muitas vezes invadem os muros da escola, chegando as vias de fato até mesmo dentro da sala de aula.

GRÁFICO 2 – Locais/contextos geradores de tensão na vivência cotidiana dos adolescentes pesquisados



Fonte: Pereira (2013).

O gráfico 2 apresenta os elementos ‘escola’, ‘transporte coletivo’ e ‘praças’ como locais e/ou contextos geradores de tensão na vida cotidiana dos adolescentes pesquisados. A escala também apresenta as categorias ‘próximo’ e ‘distante’ para representar os contextos onde os jovens homens sentem mais acolhidos ou sua presença, de certa maneira se torna tensionada. Embora muitas das vezes represente a escola como um lugar dotado de regras e que sua vivência não é plural, evidenciou-se que quanto mais próximo da escola, a vivência desse jovem é menos tensionada.

As representações dos jovens pesquisados sobre praça apontam para características como violência, drogas e ameaça. Resgatou-se as principais falas² que apontam para essa configuração.

“Praças são locais muito violentos. Hoje em dia já presenciei um assalto na praça perto de minha escola” (Lennon)

“A praça do Regente Feijó, por causa de gangues e drogados que vivem lá” (Elson)

“Tem muitos assaltantes e encenqueiros nas praças sem contar com pessoas vendendo e comprando drogas” (Cristian)

“Sim, praça do ponto azul, estação, parque ambiental” (Marcos)

“Um amigo meu já se sentiu ameaçado perto da pracinha quando uns caras encararam ele” (Diogo)

Por outro lado, o que se percebe é que algumas situações cotidianas do ambiente escolar também extrapolam os muros da escola e, desta microescala de poder, podem atingir outros níveis espaciais, como a rua, a vila, o bairro e, por

² Respostas contidas na pesquisa realizada em maio de 2013. Privilegiou-se utilizar o primeiro nome dos sujeitos investigados em vez de caracterizá-los como uma numeração.

vezes, entre diferentes bairros. Os relatos³ a seguir resgatam situações que definem as escalas de poder que podem ser atingidas diante de uma situação banal do cotidiano:

Em vila quente, não vou entrar... por causa do estilo de andar. Daí os caras vão pensar que eu sou piá boy e tal e vão querer vim tomar minhas coisas, tipo uma vila que eu vou ... Esplanada não vou. ... O pessoal de Uvaranas eu conheço todo mundo. Eu morava lá. O pessoal da Vilela, sei lá aqueles maluco, uns falam que são gente boa outros falam que se não vai com a tua cara eles saem te batendo. (Nurie)

À vezes você vai pro rio, se você estiver sozinho o 'baguio' fica loco, dá uma cabreragem. Este tipo de medo. Dependendo do lugar, no rio se eu tiver sozinho eu fico mais ligeiro, me afasto dos caras. Tem que ver a maldade do cara. [...] Na vila me sinto mais tranquilo. Eu ando ligeiro⁴ em outros lugares. Tem que ir 'mais ligeiro'. Tem que saber que os caras estão lá." (Rafael).

A interdição faz com que o jovem homem pesquisado represente sua vivência espacial de diferentes maneiras. As evocações a seguir, analisadas e processadas pelo software Evoc, organizaram um total de 81 vocábulos diferentes. No tratamento realizado pelo software, palavras com frequência menor que 25% foram recusadas. Das evocações indicadas pelos jovens, 18 agregaram os quadrantes e estão expressadas no Quadro 1, a seguir, onde se percebe que a Ordem Média de Evocações (OME) computada pelo software é de 3,1 e que a frequência média de evocações foi de 21 palavras.

³ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Nurie, de 16 anos, ocorreu no dia 10 de julho de 2013.

⁴ Segundo Rafael, a expressão "mais ligeiro" significa ficar mais esperto, "ter alguma coisa, uma arma [...] saber que os caras estão lá."

QUADRO 1 – Evocações dos jovens sobre medo no Espaço Urbano

1) núcleo central			2a) elementos intermediários		
	Freq.(f)	OME		Freq.(f)	OME
assalto	85	2,365	brigas	53	3,038
drogas	64	2,688	morte	21	3,19
gângues	14	2,786	trânsito	15	3,867
tráfico	19	2,789			
violência	34	2,265			

2b) elementos intermediários			3) elementos periféricos		
	Freq.(f)	OME		Freq.(f)	OME
insegurança	9	2,667	abuso	4	3,75
marginalidade	4	2,5	estupro	5	3,8
			pedófilos	5	3,6
			polícia	7	3,857
			prostituição	4	3,5
			sequestro	6	3
			vandalismo	5	3,6

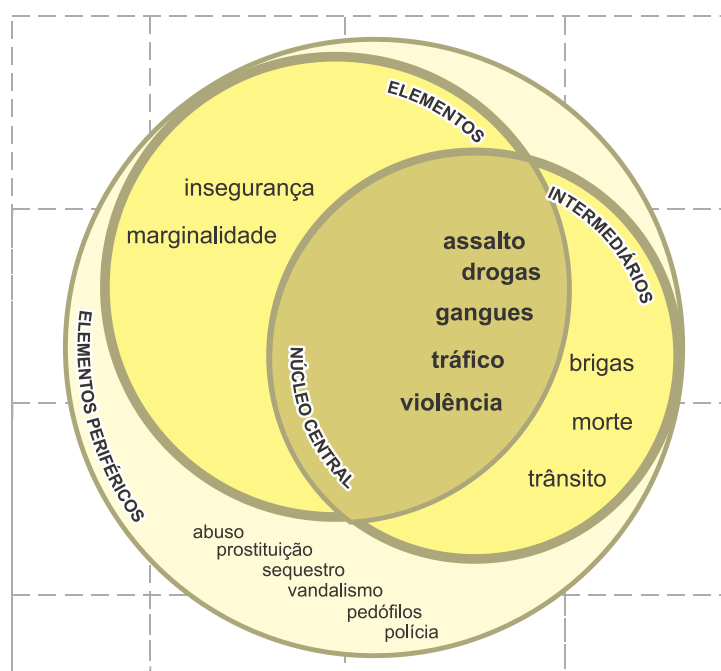
Fonte: Questionários aplicados (PEREIRA, 2013).

O Quadro 1 representa o agrupamento das evocações por associação livre de palavras. O vocábulo “assalto” foi o elemento que apresentou maior frequência (presente na resposta de 85 sujeitos pesquisados), enquanto “drogas”, apesar de aparecer em menor frequência (64 vezes), é o mais prontamente evocado (2,6). “Tráfico” e “gângues” são os elementos mais prontamente evocados (2,7), apesar de figurar em frequência menor de respostas.

Evidenciou-se que as evocações que pertencem ao núcleo central das representações sociais dos jovens homens pesquisados, estão associadas principalmente a ‘assalto’, ‘drogas’, ‘gângues’, ‘tráfico’ e ‘violência’, pois, segundo Vérges (2002), como são os elementos mais citados e prontamente evocados, são os mais relevantes. Os quadrantes 2a e 2b representam elementos intermediários, enquanto as evocações do quadrante 3, estão na periferia, pois são vocábulos lembrados com pouca frequência, além de serem os últimos a serem evocados.

Com os dados do quadro 1, foi possível realizar um mapeamento semântico com base nas evocações produzidas pela análise das respostas, com a finalidade de entender as dinâmicas da vivência espacial de jovens estudantes de ensino médio, moradores de periferia, marcados por um cotidiano característico do ambiente urbano. As falas apontaram para o levantamento de quatro categorias principais: **as relações de poder, a interdição, os conflitos e as infrações**.

FIGURA 1 – Representação do núcleo central das representações dos jovens homens sobre o medo no espaço urbano



Fonte: PEREIRA (2013)

Como elementos essencialmente espaciais e urbanos, uma das facetas exploradas pela pesquisa se refere às relações de poder atreladas à interdição.

Entretanto, os elementos de medo, tensão e/ou conflito, representada pela insegurança do espaço urbano são evidenciadas na próxima seção.

2.2 MEDO, TENSÕES E CONFLITOS: A INSEGURANÇA DO ESPAÇO URBANO VIVENCIADA PELOS JOVENS HOMENS

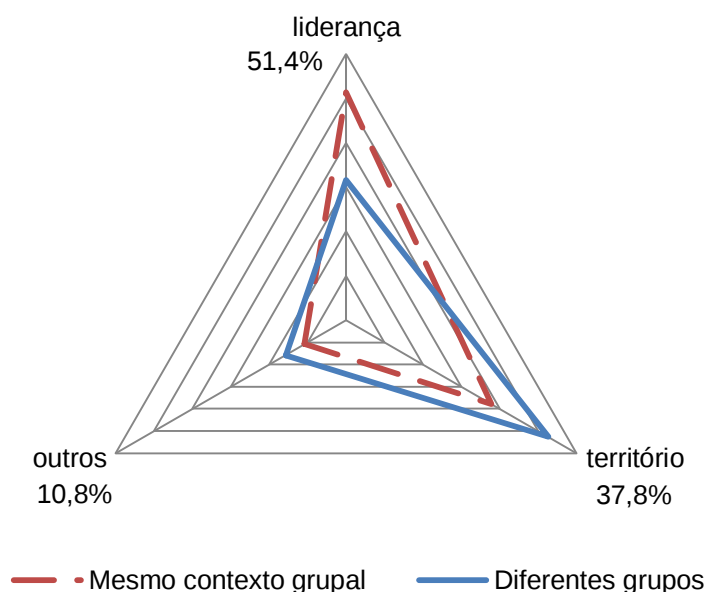
Pode-se dizer que diversas situações de significativa tensão definem a configuração de gênero dos jovens homens e, por conseguinte, sua textualidade/oralidade. Essas tensões provocadas pela alta rotatividade de ocasiões definem a representação de suas espacialidades. Suas respostas a estas situações resultam em ações, seja na defesa ou constituição do grupo a que pertence ou na negação do grupo e ao consequente isolamento (residência – trabalho – escola – outros espaços).

O resultado é a incompatibilidade entre interesses, o que resulta na marginalização de certos sujeitos. Chimin Junior e Silva (2010) apontam que os conflitos – onde os atores são os adolescentes que vivenciam a área central do município – são gerados por diversos motivos, desde a disputa por uma menina até um revide a alguma agressão.

No gráfico 3, essa afirmação é representada por meio das expressões “território” e “liderança”, revelando que existe uma simetria entre vulnerabilidade e reação conflituosa na vivência espacial dos adolescentes no espaço urbano de Ponta Grossa. O gráfico ainda revela os conflitos vivenciados pelos jovens de diferentes contextos espaciais do urbano, onde o “território” é gerador de tensão tanto de indivíduos quanto de grupos, reconhecidos e configurados, no meio juvenil, pelas “gangues”. Assim, pode-se perceber que, enquanto o motivo de tensão do

jovem no contexto de seu grupo é a “liderança”; no convívio de diferentes grupos existe a necessidade da disputa por “territórios”.

GRÁFICO 3 – Elementos motivadores de conflitos



Fonte: PEREIRA, R. (2012).

Ao se refletir sobre os relatos dos jovens homens pesquisados, se percebeu que cada ação cotidiana varia em termos de intensidade, que se inicia com a sensação de insegurança, de ameaça, de agressão física, culminando com o sentimento de medo da morte. Percebeu-se que a intensidade nas relações de poder também é um dos fatores desencadeadores de conflitos. Não há como separar, nas falas⁵ a seguir, o que pode ocorrer primeiro, pois são situações atreladas às diversas formas de vivenciar a cidade, assim como entre as diversas escalas apresentadas anteriormente.

⁵ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Nurie, de 16 anos, no dia 10 de julho de 2013; a entrevista com Guilherme, de 16 anos, em 10 de julho de 2013.

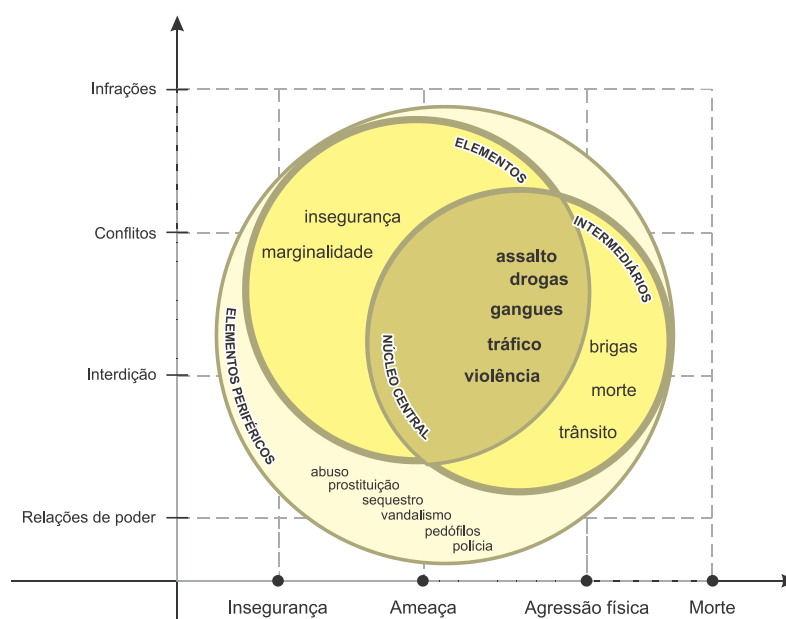
“Deixo o cara, vai ter a melhor hora. Tem a melhor hora pra tudo, eu penso assim. Se eu tiver com alguma coisa [arma]... depende da ameaça, se o cara tiver me jurando, tem que resolver ali. Não é por causa de amigo, eu não me garanto por causa de amigo. Eu me garanto. Eu sou sujeito homem, eu me garanto na mão na pedra, no tiro, na faca. Com naifa, calibre aí é outra coisa.” (Rafael).

“O cara me xingou, me provocou, mas não chegou a ter briga. Faço academia, se pular em mim tenho como me defender. Eu luto Muay Tay. Só revido se o cara vir me bater, só se ele vir, é só para se defender.” (Guilherme).

“Briga na Magic. Usam arma [de fogo]. Na vila usam faca [arma branca]. Eles começaram a brigar lá dentro e bateram em um e quase mataram aí ficaram e agora estão querendo pegar outro, por causa de menina, um pegou muié do outro. Tem um na vila que tá querendo dar um de bom, os caras mandaram embora da vila. Levou uns chute. Nem deu briga. O cara não voltou mais. É mais fácil de rolar briga em festa, mulher, todo mundo bêbado. Tinha um lá na vila que estuprou e os caras queriam matar ele. (Leandro).

Como visto nas falas anteriores, embora pertençam a um contexto contraditório que vai desde o sentimento de insegurança ao ato infracional, o jovem homem reconhece estes aspectos em sua vivência cotidiana. Entender o contexto espacial de vivência desses jovens homens foi essencial para pensar sobre suas representações.

FIGURA 2 – Representação da Escala de Análise das Representações do Medo no Espaço Urbano



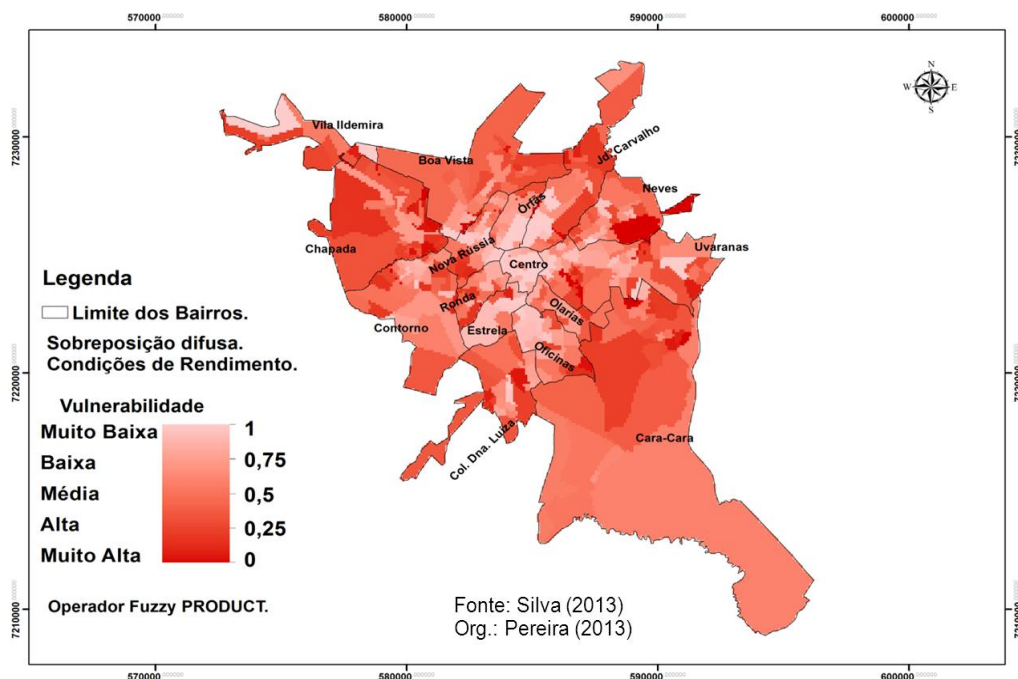
Fonte: PEREIRA (2013).

Austin et al., (2002), apresentam três fatores de vulnerabilidade que influenciam na sensação de medo e de insegurança no espaço urbano: 1) condições demográficas (sexo, idade e nível socioeconômico); 2) condições urbanas e de vizinhança (condições de moradia, escolaridade e renda); e 3) experiências de vitimização.

Os dois primeiros elementos a serem considerados (condições demográficas e as condições urbanas e de vizinhança), estão presentes na pesquisa de Silva (2013), que explora a dimensão da vulnerabilidade socioeconômica.

Segundo Silva (2013), quanto mais distante do centro urbano, maiores são os indicadores de vulnerabilidade, pois se dispõe de número de aparelhos públicos em menor quantidade, o que interfere na qualidade de vida de seus moradores. Entretanto, no que diz respeito à experiência de vitimização na esfera pública, nem sempre a escala de maior ou menor proximidade do centro é fator preponderante.

CARTOGRAMA 3 - Vulnerabilidade quanto às condições demográficas no contexto dos bairros de Ponta Grossa

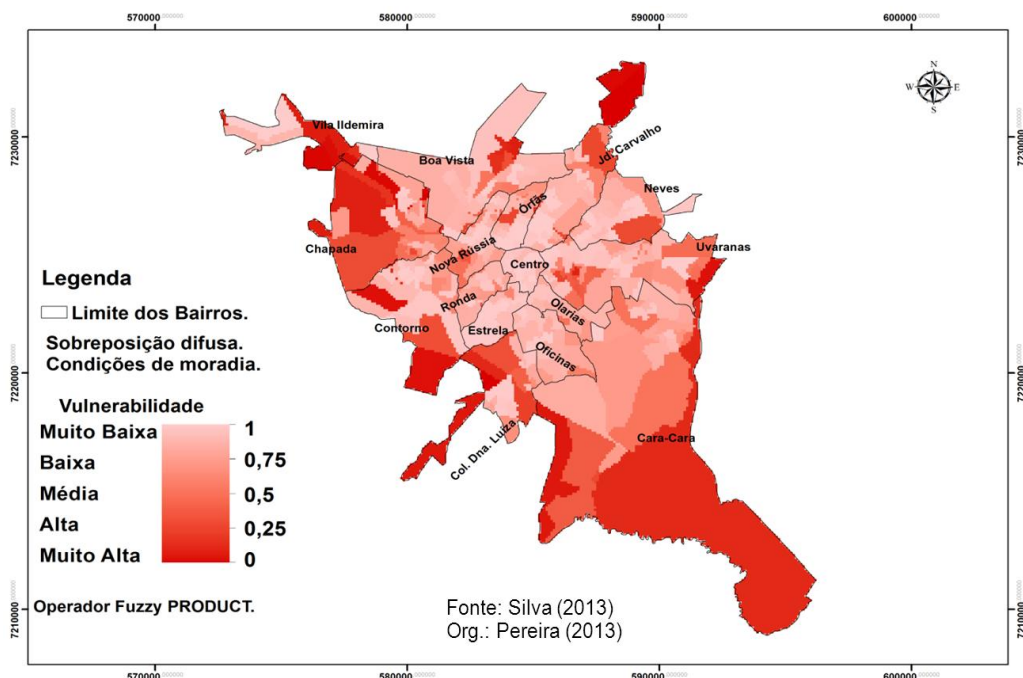


Fonte: Silva, A. C. (2013); Org.: Pereira (2013).

Os dados apresentados nos Cartogramas 3 e 4, vão ao encontro com as proposições de Chimin Junior e Silva (2010), que apontam para o fato de que muitas dessas tensões estão associadas com os sujeitos que convivem em um mesmo contexto espacial: a periferia do espaço urbano.

Os autores assinalam a existência de um grande volume de processos registrados pela Delegacia do Adolescente e Antitóxico, da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR, envolvendo adolescentes como autores de infrações. Essas experiências dos jovens expostos à vulnerabilidade é que dão pistas para a compreensão da própria dinâmica do espaço urbano.

CARTOGRAMA 4 - Vulnerabilidade quanto às condições urbanas e de vizinhança no contexto dos bairros de Ponta Grossa



Fonte: Silva, A. C. (2013); Pereira, R. (2013).

Embora não caracterizados por meios de boletins de ocorrência, pois não foi o objeto da pesquisa, as falas a seguir expressam como os jovens homens reagem diante dos conflitos e as infrações com os quais vivenciam no cotidiano. Elementos como drogas, armas de fogo e armas brancas (facas), conflitos e vias de fato presentes nos discursos dos jovens homens pesquisados⁶ são consideradas infrações, desde que sejam autuados em flagrante por agente no exercício de policiamento ostensivo.

⁶ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Nurie, de 16 anos, no dia 10 de julho de 2013; a entrevista com Guilherme, de dezesseis anos, em 10 de julho de 2013.

Com arma de fogo não, nem arma branca. Tento resolver se não der, sei lá. Daí vai no tiro mesmo. Já fomo atrás de um cara e não conseguimos pegar. Fomo de moto, em dois, na Cipa. Os caras são fodas. Demos um balão, se achasse, se não, saímos... (Leandro)

Tipo daí que eu falei de você daí você vai lá e tua galera vem pra cima de mim vocês me batem. Porquê daí se eu chamar minha galera, daí nossa... daí; Se briga com maluco da minha vila nos vamos brigar e vai passar por isso mesmo. Se um maluco de uma outra vila, eu for na vila dele e bater nele os caras vão pra cima de mim... os caras vão estar na vila deles mesmo que eu chame minha vila... (Nurie)

Briga por causa de tudo quanto é coisa. Por causa de droga. Esses dia os caras brigaram por causa de uma camiseta; nós queimemo a camiseta do cara. Sempre tem o cara que vende e o que compra. Depende da dívida... tem dívida que paga com a vida. (Rafael)

Evidencia-se que os jovens homens mais propensos ao sentimento de medo, são os que estão mais próximos de práticas transgressoras. Se a intensidade nas relações de poder define qual é a escala do sentimento de medo, em contraposição, na interdição está contido o elemento inibidor deste sentimento, pois como visto, na escola, na sua própria rua, na sua vila, e no seu bairro, o jovem homem sente-se mais acolhido.

Como se pensou a atividade emocional como um elemento cognitivo, pensou-se em categorizar as respostas ao sentimento de medo da seguinte maneira: elementos facilitadores (conflitos/infrações), elementos inibidores (interdições) e a intensidade como a escala de poder.

Evidenciou-se que o medo é uma resposta emocional a sensação de ameaça, insegurança ou perigo. Presente nas falas dos sujeitos pesquisados, ressaltou-se que algumas atividades cognitivas permitem que o jovem homem se sobressaia nas relações de poder que constitui e são expressas a seguir:

- (1) avaliação da intensidade da situação;
- (2) a probabilidade que uma ameaça ocorra;

(3) comportamento necessário para responder às ameaças;

(4) habilidade individual necessária para pôr em prática o comportamento adequado.

Esses elementos podem ser visualizados nas falas dos jovens homens pesquisados. Optou-se por reproduzir estratos da fala dos sujeitos no Quadro 2, indicando em quais momentos cada elemento aparece:

QUADRO 2 – Respostas cognitivas dos jovens homens pesquisados quanto às representações de medo no espaço urbano

(1) avaliação da intensidade da situação

“Depende da ameaça, se o cara tiver me jurando, tem que resolver ali.”

(2) a probabilidade que uma ameaça ocorra

“Deixo o cara, vai ter a melhor hora. Tem a melhor hora pra tudo, eu penso assim. Se eu tiver com alguma coisa [arma]...”

(3) comportamento necessário para responder às ameaças

“Não é por causa de amigo, eu não me garanto por causa de amigo. Eu me garanto”.

(4) habilidade individual necessária para pôr em prática o comportamento adequado

Eu sou sujeito homem, eu me garanto na mão, na pedra, no tiro, na faca. Com naífa, calibre aí é outra coisa.”

Entrevista com Rafael, de 17 anos, realizada em 14 de maio de 2013.

Fonte: PEREIRA (2013)

A partir destes levantamentos iniciais, construiu-se um *ranking* com os elementos, em importância, que para os jovens homens, representam tensão em viver na cidade.

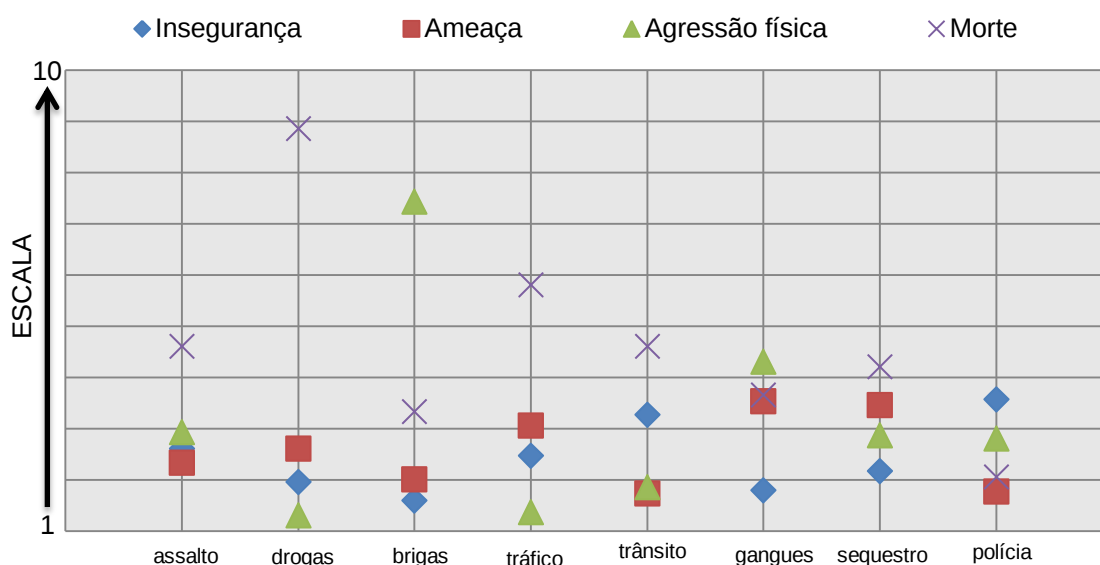
QUADRO 3 – Elementos, em importância que, para os jovens, representam tensão em viver na cidade

ORDEM	TENSÃO	%
01	assalto	16,6%
02	drogas	14,5%
03	brigas	12,5%
04	tráfico	12,5%
05	sequestro	12,4%
06	ganguês	12,3%
07	trânsito	10,2%
08	polícia	9,0%

Fonte: Pereira (2013)

A seguir, foi realizado um cruzamento entre o tipo de tensão e a intensidade. Percebe-se que as evocações “assalto”, “tráfico”, “drogas” e “trânsito” estão altamente relacionados à morte. Assim como “brigas” e “ganguês” a agressão física. “Polícia” é associada à insegurança em viver na cidade.

Como se constata no Gráfico 3, na visão dos sujeitos pesquisados, todos os elementos também apresentam a intensidade ameaça como potencial de desencadeador do medo.

GRÁFICO 4 – Cruzamento das evocações, de acordo com a intensidade

Fonte: Pereira (2013).

Diante desses dados, se construiu um arcabouço de conhecimentos para realizar alguns questionamentos aos sujeitos pesquisados (Apêndice B). Ao responder sobre o contato com pessoas que se sentiram ameaçadas, percebe-se a pluralidade das respostas e o indício de que não existe um padrão simétrico de representação do medo, porém ele é intrínseco a cada indivíduo.

Constatou-se também que a vivência espacial dos jovens do contexto do urbano permite que seu curso de vida seja experienciado e diversificado pela sua capacidade de se adaptar a uma variedade de situações. Não é incomum, portanto, para a juventude, vivenciar espacialidades interligadas.

Os elementos associadas ao medo de vivenciar o espaço urbano que mais se sobressaíram nas respostas estão associadas, principalmente a violência urbana e às drogas. Sentimento compartilhado pela maioria dos inquiridos é a sensação de vulnerabilidade. Para Erikson (1987, p. 118), esse movimento se dá “quando as necessidades da vida econômica e a simplicidade de seu plano social tornam os

papeis masculino e feminino e seus poderes e recompensas específicos compreensíveis”. Silva (2009, p. 140), ressalta que, muito além da representação de papeis, devem-se visualizar as “performances dos sujeitos sociais que a experienciam mediante a vivência espacial cotidiana e concreta”.

Butler (2006, p. 55), ao refletir sobre a violência e a vulnerabilidade dos sujeitos no contemporâneo ressalta que,

[...] de algún modo, todos vivimos con esta vulnerabilidad, una vulnerabilidad ante el otro que es parte de la vida corporal, una vulnerabilidad ante esos súbitos accesos venidos de otra parte que no podemos prevenir. Sin embargo, esta vulnerabilidad se exacerba bajo ciertas condiciones sociales y políticas, especialmente cuando la violencia es una forma de vida y los medios de autodefensa son limitado.

Certas áreas centrais urbanas são altamente suscetíveis ao sentimento do medo. O simples ato de vivenciar certas áreas urbanas pode apresentar uma situação arriscada. Com o aprofundamento das relações espaciais que vivencia cotidianamente, o jovem reconhece os lugares que aceitam sua permanência.

O elemento “praça” e “centro” surgem como um dos elementos principais geradores de tensão na vivência espacial dos adolescentes pesquisados. Esse dado ratifica o estudo de Chimin Junior e Silva (2010), quando apontam que é no perímetro central da cidade que ocorre o fenômeno da aglutinação desses sujeitos.

[...] seja em frente às escolas, às danceterias, praças ou até mesmo em terminais de ônibus urbanos. Os adolescentes moradores das chamadas “vilas” organizam-se em grupos e dirigem-se à área central, a qual se torna um espaço para resolver diferenças e conflitos que são deflagrados entre eles. (CHIMIN JUNIOR; SILVA, 2010, p. 302).

Ainda, lugares estratégicos, como “proximidades dos terminais de ônibus”, surgem como estatuto de permanente tensão no espaço urbano. Outro elemento a se considerar é o contexto escolar dos adolescentes pesquisados, onde a maior ou menor distância da escola é fator preponderante no afloramento desse sentimento. Para Cosgrove (1998), esses lugares possuem seu plano simbólico além do uso a que se destinam.

QUADRO 4 – Representações dos jovens sobre Interdição

ORDEM	LOCAL	%
01	outra vila ou bairro	17,4%
02	praças	17,4%
03	terminal central	14,3%
04	próximo a outros colégios	13,7%
05	transporte coletivo	12,5%
06	distante do colégio	12,4%
07	próximo ao colégio	12,2%

Org.: Pereira (2013)

Ao se pensar o contexto do espaço urbano do município de Ponta Grossa, Paraná, assim como na possibilidade de articulação entre masculinidades, medo e espacialidades dos jovens dessa configuração espacial, se permite inferir que esses sujeitos desempenham suas vivências nesses espaços transitórios do urbano.

Rossi e Chimin Junior (in SILVA, 2009, p. 234), ao dissertar sobre as masculinidades de adolescentes de periferias pobres, em conflito com a lei, asseveram que, na maioria das vezes, esses sujeitos também “[...] produzem tensões nas estruturas hegemônicas das masculinidades”.

Nesse sentido, as masculinidades hegemônicas ao serem contestadas são negociadas, o que resulta na mudança de determinados comportamentos desses adolescentes que vivenciam essas práticas. Esse fenômeno social atrelado às dimensões das relações econômicas, políticas e sociais das masculinidades é fator importante para se compreender as configurações espaciais e, por conseguinte, a estrutura de gênero no espaço urbano.

QUADRO 5 - Representações dos jovens sobre suas relações no cotidiano

ORDEM	MOTIVOS	%
01	grupos rivais (ganguês)	17,5%
02	revidar a ameaça	16,4%
03	namorado(a)	16,2%
04	ser de outra vila/colégio	13,9%
05	ser líder no grupo	13,6%
06	se vestir diferente	12,5%
07	sem motivo	9,9%

Fonte: Pereira (2013)

Mediante os dados apresentados, se pode inferir que por meio de uma estrutura social, a vivência e a espacialidade dos jovens homens pesquisados são configuradas e localizadas espacialmente, que esses sujeitos vivenciam a transição da adolescência à masculinidade adulta com hábitos próprios do urbano e que várias ações estereotipadas são resultados da própria dinâmica das cidades.

Assim, este capítulo evidenciou a necessidade de se pensar a vivência desses jovens homens para além da simples e banal relação com a violência, pois

sua vivência é dinâmica e plural. Constatou-se que a interdição é uma condição presente em seu cotidiano, assim como o medo, as tensões e os conflitos são o aporte para a sua interpretação da cidade. O próximo capítulo “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS HEGEMÔNICAS DO ESPAÇO URBANO PRODUZIDAS NA EXPERIÊNCIA DOS JOVENS HOMENS” preocupa-se em aprofundar no sentido de trazer as representações sociais hegemônicas do espaço urbano produzidas na experiência dos jovens homens investigados.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS HEGEMÔNICAS DO ESPAÇO URBANO PRODUZIDAS NA EXPERIÊNCIA DOS JOVENS HOMENS

“Eu me garanto. Eu sou sujeito-homem.”

(Rafael, 16 anos, entrevista realizada em 14 de maio de 2013)

O presente capítulo tem por objetivo explorar as representações sociais hegemônicas do espaço urbano, produzidas na experiência dos jovens homens, moradores de periferia, sobre o medo. Por meio das entrevistas em profundidade foi possível estabelecer os locais mais representativos na experiência dos jovens, bem como seus significados.

Como visto no capítulo anterior, algumas situações representadas nas relações de poder constituídas pelos jovens homens que vivenciam o espaço urbano podem ser estabelecidas em diferentes escalas, na escola, na rua, na vila, no seu e até mesmo em outros bairros. Por isso, a necessidade de descortinar cada aspecto das representações dos jovens homens sobre cada uma destas escalas.

Assim, o presente capítulo está dividido em duas seções. A primeira seção explora a escala do bairro, intercalando os conceitos do aspecto morfológico da cidade em consonância com os aspectos imateriais constituídos pelas representações sociais dos sujeitos da pesquisa. Na segunda seção, explora-se a escala do bairro, enquanto espaço de transição entre a rua e a cidade, assim como os locais que configuram como elementos aglutinadores da vivência dos jovens homens no espaço urbano. A rua surge como elemento importante para localização

desses sujeitos. Em ambas as seções, procura-se compreender as nuances contraditórias das representações dos jovens homens no contexto do espaço urbano sob a perspectiva do medo.

3.1 O BAIRRO COMO UM PARADOXO: O 'OUTRO' NO CONTEXTO DO URBANO

Bezerra (2011) aponta a existência de três escalas básicas para o estudo da cidade: a rua, enquanto dimensão setorial; o bairro, como dimensão urbana; e a cidade, como dimensão territorial. No aspecto morfológico, Lamas (1993, p. 74) acrescenta que, no bairro, entendido como uma dimensão do espaço urbano,

pressupõe uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores. Corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade.

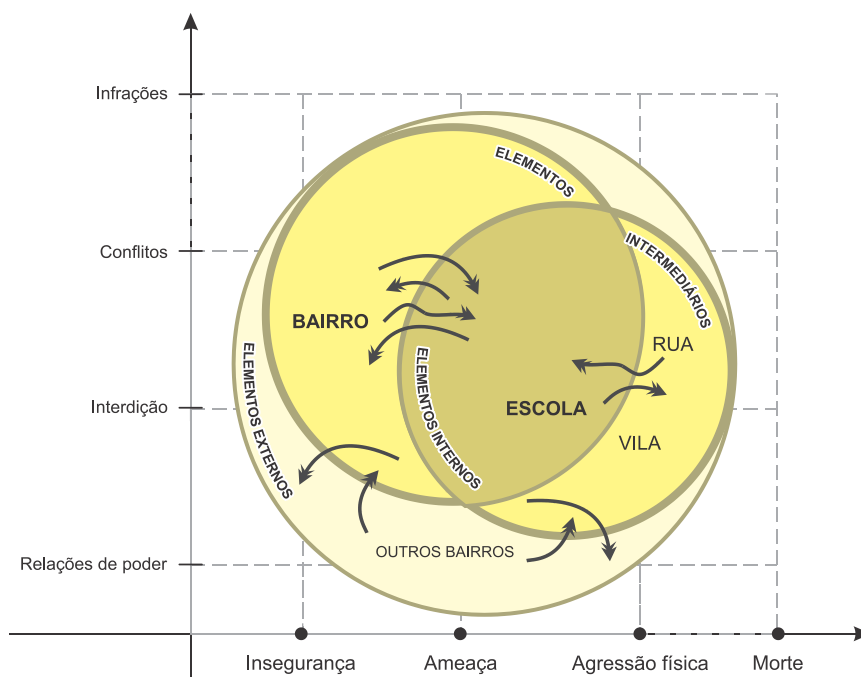
Entretanto, existem elementos que fogem do controle de representação do bairro como algo estático e fixo como representado em um mapa político da cidade e as escalas se tornam elementos flexíveis e moldados a partir da visão que cada indivíduo tem da cidade. Nesse sentido, essas escalas que apresentam contornos meramente visuais tornam-se evidentes com as diferentes concepções de viver a cidade.

As questões inerentes sobre o conceito de escala são problematizadas pela geógrafa brasileira Iná Elias de Castro, na obra *Geografia: Conceitos e Temas* (2000). A complexidade da reprodução do real e a pertinência das representações cartográficas são apontadas como elementos constantes da escala. Para Castro (2000, p. 138),

[...] a escala introduz o problema da polimorfia do espaço, sendo o jogo de escalas um jogo de relações entre fenômenos de amplitude e natureza diversas. A flexibilidade espacial institui, portanto, uma dupla questão: a da pertinência das relações como sendo também definida pela pertinência da medida na sua relação com o seu espaço de referência.

Esta mesma compreensão é vista na obra *Visual Methodologies*, proposta por Gillian Rose, pois, as situações cotidianas podem ser transmitidas por meios que vão além dos recursos visuais. Nesse contexto, os aspectos visuais podem ser trabalhados em conjunto com outros tipos de representações (ROSE, 2007).

FIGURA 3 – Representação das Escalas de poder na vivência cotidiana dos jovens homens pesquisados



Fonte: Pereira (2013).

Justificando a escala como uma escolha metodológica, Castro (2000) aponta que a importância do trabalho do geógrafo está na compreensão da

dualidade implícita em seu objeto de trabalho, qual sejam o fenômeno e o recorte espacial, pela qual se busca dar sentido. Portanto,

[...] para o campo de pesquisa da geografia não há recortes territoriais sem significado explicativo, o que há, muitas vezes, são construtos teóricos que privilegiam a explicação de fenômeno pertinentes a determinadas escalas territoriais. (op. cit., p. 139).

A questão da juventude quando associada ao espaço em suas diversas escalas, traz elementos como crise, conflitos, rebeldia, violência, drogas, morte pois essas elaborações do imaginário juvenil perpassam as características de uma faixa etária que se constituiu ao longo da história em nuances contraditórios. Embora o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), defina o jovem como uma pessoa que está na faixa etária que vai dos 15 aos 29 anos, essa pesquisa abraça a ideia de que é necessário trazer outros elementos que vão além do recorte de idade, considerando-se assim a realidade de cada indivíduo e seu cotidiano para conhecer suas interpretações da cidade.

Ao longo da história, o termo juventude carrega consigo uma carga política e cultural exacerbada, por mais que esse recorte represente um roteiro elaborado pela família, que o associe ao mercado de trabalho e aos estudos, elementos que o significam como categoria social. Entretanto, estudos recentes, como os de Chimin Junior (2009), Rossi (2010), Rocha (2013), Gomes (2013) e Tigre (2013), apresentam diferentes formas de representação de juventude.

Para estes autores, o jovem é um sujeito plural que, além de apresentar características próprias no recorte de idade, tem sua vivência como um terreno fértil de interpretações e movimento. Tigre (2013) é enfática ao afirmar que não se pode caracterizar um jovem em seu sentido amplo ou de maneira geral. Para a autora,

não há uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que experimentam e sentem, segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem. Assim, se queremos compreender os jovens com os quais atuamos, é necessário conhecê-los em sua realidade, descobrindo os diferentes modos pelos quais eles constroem a sua experiência. (op. cit., p. 57).

O estudo de Rossi (2010) aborda o jovem enquanto recorte da adolescência. Os elementos trazidos à tona nesta pesquisa são caracterizados pelas experiências cotidianas e por suas representações de masculinidades. Rossi (2010) caracteriza seus sujeitos enquanto “adolescentes em conflito com a lei” como

[...] uma construção social temporal que reflete uma classificação e categorização de pessoas e ações a partir de institutos legais, fruto de contratos sociais estabelecidos na arena do Estado. [...] os adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei não formam um grupo homogêneo, pois realizam práticas espaciais diferenciadas de acordo com cada contexto. (ROSSI, 2010, p. 15, 26).

Essas concepções adotam o tema da juventude como parte de um processo que considera o sujeito como um constructo ainda inacabado. O jovem como um *vir a ser*, é encarnado por Dayrell (2003, p. 42), ao ressaltar que,

[...] determinados modos de ser jovem apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social.

Outra discussão levantada por Dayrell (2003, p. 43) se refere ao jovem como um sujeito social. Para o autor,

[...] ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Guatari e Rolnik (1996) observam que a caracterização de um sujeito é algo materializador que vai além da estrutura de mediação. Ressalte-se que, uma das características das sociedades industriais modernas, o jovem é representado como um sujeito que apresenta um recorte de idade específico e que ainda não possui habilidades e competências inerentes à fase adulta. Assim, o sujeito não é algo evidente, que possui rigidez. Pelo contrário, é algo inacabado.

[...] o sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um “être-là”, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. (GUATARI; ROLNIK, 1996, p. 25).

O trabalho de Chimin Junior (2009) explora o estudo dos adolescentes em conflito com a lei, enquanto uma categoria socialmente construída. O autor descortina este aspecto, ressaltando que, juntamente com outras categorias sociais,

[...] os adolescentes passam a ser um importante foco de atenção da sociedade e de instituições de poder, a fim de construir as bases de reprodução social que promoveria a sociedade moderna, com os

elementos que foram se aprimorando até os dias de hoje. Toda esfera de produção econômica, as relações de trabalho e de acumulação de capitais não se sustentam sem uma forma efetiva de controle social e o Estado é um importante elemento catalisador da organização desta relação. (CHIMIN JUNIOR, 2009, p. 20).

Os estudos de Chimin Junior (2009) e de Rossi (2010) são ricos em apresentar aspectos de uma cidade por meio da visibilidade do bairro. Esta escala da cidade, acessada pelos jovens homens, de certo modo representam maior autonomia quando comparados com as escalas da escola, da casa e da rua.

Para Mayol (1996), o bairro é um pedaço da cidade. Constitui-se, assim, na entrada e na saída, o paradoxo que significa o espaço qualitativo e o quantitativo (LEFEBVRE, 1975).

O bairro também caracteriza as diferentes maneiras de vivenciar a cidade. Mayol (1996) aponta que, para se estudar o bairro, dois problemas devem ser respondidos: o primeiro se refere à sua sociologia urbana, com as limitações materiais e administrativas, relacionadas às características quantitativas e sua arquitetura; e o segundo, na análise da vida cotidiana, este complexo cultural que determina as relações particionadas da vida na cidade.

Neste contexto, o bairro se constitui em um elemento de escala, dentre os quais se relacionam a vila, a rua e suas representações da cotidianidade. Para Rossi (1995, p. 70),

[...] o bairro torna-se, pois, um momento, um setor da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes e à sua imagem. Temos dessas partes uma experiência concreta. Para a morfologia social, o bairro é uma unidade morfológica e estrutural caracterizado por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função.

Para a inteligibilidade deste estudo, consideram-se dois tipos de representações do bairro, por parte dos sujeitos pesquisados: o primeiro se refere ao bairro visto pelos sujeitos que vivenciam um cotidiano de relações conflituosas, e o segundo, pelo grupo de sujeitos que visibilizam a cidade a partir do bairro, por meio de sua dinâmica que inclui o medo. Pierre George, na obra *Geografia Urbana* (1983) traz uma importante dessa dimensão ao explorar o aspecto do bairro pelo olhar do sujeito que o habita.

O morador refere-se ao seu bairro, quando quer situar-se na cidade; tem impressão de ultrapassar um limite quando vai a um outro bairro. [...] É com base no bairro que se desenvolve a vida pública, que se organiza a representação popular. Finalmente, e não é menos importante, o bairro tem um nome que lhe confere uma personalidade dentro da cidade (GEORGE, 1983, p. 76).

As representações apresentadas nesta seção estão relacionadas com a escala do bairro e a dinâmica do conflito. Conforme indicado pelos sujeitos pesquisados, as representações da escala do 'bairro' passam pela noção do conflito, pelas relações de poder instituídas e pelo imaginário social que inclui a vitimização como elemento do espaço urbano. Os extratos a seguir demonstram essa característica presente na fala desses dos adolescentes sujeitos desta pesquisa.

“Em todo o mundo existe confronto entre bairros, vilas, por motivos bobos”. (Guilherme)

“Tem vilas que se acham melhores que outros daí se viram pessoas de outras vilas querem surrar”. (Breno)

“Não sei por que mas os motivos dos conflitos entre vilas que não se gostam, [estão relacionados às] drogas, mulher, entre outros”. (Rafael)

“Já ouvi pessoas que não saem à noite por medo de serem assaltadas, outras evitam passar por meio de bairros por que tem medo também. Eu particularmente evito voltar da escola a pé por ser

perigoso e por conhecer muitas pessoas que já foram assaltadas por onde eu passo.” (William)

“Geralmente alguns grupos acham que são donos e não aceitam que outras pessoas de outros bairros entrem em seus bairros” (Bruno)

Outro aspecto a se considerar refere-se à noção de um bairro enquanto um recorte que representa o espaço do sujeito. Fora dessa escala, que não negligenciamos em representar por meio das interdições, das relações de poder, dos conflitos e das infrações. A seguir, caracterizamos os sete sujeitos que representam a abordagem representada pela pesquisa: Rafael, Nurie, Guilherme, Leandro, Luiz Fernando, Diego e Juliano.

Rafael tem dezessete anos e cursa o primeiro ano do ensino médio, passa a maior parte do tempo do seu dia na rua, jogando bola. O aspecto que mais se destacou na sua representação está relacionada à noção tradicional de masculinidade: “eu me garanto. Eu sou sujeito-homem”. Demonstra ter amplo conhecimento sobre o seu bairro e discursa como se fosse um dos líderes de seu grupo de amigos. Ao ser perguntado se conhecia pessoas que sentiram ameaçadas, foi incisivo em responder que sim. *“Conheço ameaça de morte!”*

Com a entrevista com Nurie de dezesseis anos, obteve-se respostas com relação às noções dos conflitos vivenciados pelos sujeitos jovens, do sexo masculino, no contexto do espaço urbano. Um elemento presente nas representações deste sujeito se refere aos conflitos que vivencia no cotidiano, pois para ele, *“se briga com maluco da minha vila, nós vamos brigar”*.

A entrevista com Guilherme, de dezesseis anos e que frequenta o primeiro ano do ensino médio trouxe elementos que contribuíram para explorar a escala da vila como aporte para noções de espacialidades multifacetadas. Embora sabido que este sujeito envolveu-se em conflitos dentro e fora da escola, suas respostas se

limitaram a contemporizar sua vivência nas diversas escalas da cidade. Mesmo se classificando como um sujeito tranquilo, Guilherme foi enfático ao afirmar que *“se ficar com medo de andar na vila, tem que ir embora”*.

A entrevista com Leandro Machado, de dezessete anos, matriculado no primeiro ano do ensino médio contribuiu para descortinar a vivência dos jovens homens no contexto do urbano pelo prisma e pelas possibilidades espaciais. Embora sempre focado na dinâmica dos conflitos que vivencia, assim como de seus colegas, apontou elementos importantes para caracterizar a cidade. O que se sobressaiu em relação às suas respostas diz respeito ao sujeito que perde o respeito do grupo, caracterizado por ele como ‘cagão’, advertindo que, diante dessa situação, *“os piá aceleram, xingam, não andam mais junto”*.

Luis Fernando, de dezesseis anos frequenta o primeiro ano do ensino médio. Este sujeito apresentou a escala da escola, da rua, do bairro e da cidade pelo aspecto de sujeito vitimizado. Ao relatar diversas situações de eminente conflito, demonstrou certa preocupação com sua vivência nos lugares que não se sente acolhido. O que se sobressaiu em sua fala diz respeito ao aspecto do sentimento de ameaça, reproduzido a seguir: *“antes eu andava sem medo, agora qualquer pessoa que passa perto de mim eu me sinto ameaçado”*.

Diego e Juliano, de dezessete e quinze anos, relatam suas experiências intra e extraescolares diferenciadas dos outros colegas por apresentarem situações regidas pela aparência física. Enquanto Diego possui lábio leporino, Juliano é um estudante cego. Suas representações da cidade passam pela noção da experiência pela aceitação por parte do grupo. As noções de conflito incidem por meio do estigma desses sujeitos. Diego relata sua experiência cotidiana da seguinte maneira: *“Por causa de eu ter lábio leporino, o pessoal fala mal de mim, a primeira parte eu chego no piá e falo pare com isso. Vou falando até perder a paciência”*.

Outro elemento explorado nas respostas dos sujeitos pesquisados diz respeito às gírias utilizadas para representar alguma situação, um indivíduo ou uma área no contexto do espaço urbano (Anexo D). De acordo com Preti (2013, p. 1),

[...] a gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das situações de interação da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade.

A partir dos elementos que representam tensão em vivenciar a cidade, organizamos os vocábulos de maneira a expressar as representações dos jovens relacionados ao medo no espaço urbano. Percebeu-se que no contexto dos grupos, as gírias são evocações que identificam sujeitos, representam situações cotidianas, bem como expressam as espacialidades dos sujeitos pesquisados.

Outros vocábulos como ‘171’, ‘175’, artigo 33, estão presentes na linguagem oral dos sujeitos pesquisados. Constata-se o crescente conhecimento dos artigos do Código Penal pela presença pedagógica da polícia nas escolas, pela convivência dos sujeitos pesquisados com indivíduos já julgados por alguma infração ou por estarem em situação de conflito com a lei, como apontam Chimin Junior (2009) e Rossi (2010).

As gírias também são representações da cidade e são constituídas de diferentes maneiras pela escala do bairro. Assim como em alguns lugares, chamar alguém de ‘piá’⁷ significa ter uma maior intimidade com o sujeito, em outros, esse fato pode desencadear uma situação embaraçosa, uma provocação ou falta de respeito. Pela importância de se expressar de uma maneira próxima ao contexto dos

⁷ Argumento utilizado no sul do Brasil para representar um sujeito que está na fase da infância.

sujeitos investigados, além de registrar essas representações orais, organizou-se esses vocábulos no Apêndice D, desta pesquisa.

3.2 AS ESCALAS DO BAIRRO, DA VILA E DA RUA NO CONTEXTO DO PARADIGMA DO CONFLITO

Narrar como acontece uma ameaça ou uma situação em que pode culminar com a morte é algo constante na vida cotidiana dos sujeitos pesquisados. Os extratos⁸ a seguir, “arma”, “drogas” e “conflitos” são representações mais presentes ao descrever uma situação de ameaça, de conflito ou de infração no espaço urbano.

O cara tava devendo né, tava devendo e conseguiu escapar ainda. Não sofreu muita ameaça, os caras desceram do carro e atiraram. A forma de ameaçar é com arma. (Rafael)

Tráfico de drogas, porque rola tiro, às vezes. Conhecia um cara do Olarias, não era da minha família. Dívida de droga, chamaram ele e deram sete tiros. Não era do colégio. Tinha bastante amigos. Ele conhecia todo mundo, falava com todo mundo, gente boa. Entrou em conflito com o pessoal do tráfico. [Sobre a dívida] Se der uma conversada com eles [traficantes], eles até deixam pagar, mas tem que pagar meio rápido, mas se tiver bem atrasada a dívida, eles matam. (Guilherme)

Os caras querem bater e matar, por causa de drogas e mulher. Isso é comum no meu grupo de amigos. Já. Uma facada nas fuças de um eu tava junto e o outro chegou e enfiou a faca. Um chego e já enfiando. O cara sobreviveu. Tava devendo pro outro, dívida de droga. Dá morte quando a pessoa deve muito... (Leandro)

⁸ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Guilherme, de dezesseis anos, em 10 de julho de 2013 e a entrevista com Leandro ocorreu em 15 de julho de 2013.

Fica evidente que a relação dos sujeitos do contexto da pesquisa, com a violência e às drogas ilícitas, encontram no espaço urbano os elementos necessários para sua sublimação. Couto (2008) aponta que o tráfico de drogas se apresenta como uma opção de inserção econômica. Nesse sentido, se cria um clima social

[...] e uma cultura que diminuem enormemente a eficácia normativa necessária às práticas e às relações de solidariedade, incidente especialmente nos jovens moradores dos bairros populares. Aqueles que são recrutados e aproveitados pelos traficantes e que passam, em pouco tempo, a adquirir massivos recursos, sejam eles armas, dinheiro ou droga para o consumo. (COUTO, 2008, p. 32).

Rossi (2010) deixa transparecer a existência de dois níveis de representação das infrações por parte dos jovens homens no contexto do espaço urbano. Enquanto que as infrações relacionadas a roubo e furto qualificado extrapolam a escala da vila ou do bairro, “os atos infracionais do tipo agressão, vias de fato, lesão corporal e tráfico de substâncias entorpecentes ou tóxicas ocorreram em maior frequência nas áreas centrais da cidade” (ROSSI, 2010, p. 159). Uma situação recorrente parece ser as trocas entre as diferentes escalas da cidade. A ‘vila’ aparece como uma escala que transcende ao bairro. Mesmo em confusões interbairros, é o elemento vila que configura a rivalidade por meio dos conflitos.

Rossi (2010), ao tratar dos atos infracionais em um contexto de escala da vila, aponta que esse aspecto transcende a um nível de interdependência econômica, quando relacionados ao uso/tráfico de drogas. Assim, os conflitos gerados por tensões entre grupos de jovens, perpassam diferentes escolhas que vão desde a realização do ato infracional até o revide, quando se observa que a transgressão obteve um nível que pode gerar determinada rivalidade.

A realização de atos infracionais em vilas vizinhas, apesar de constituir-se como dispositivo de fuga da vigilância estabelecida pelos vizinhos em seu espaço de moradia, provoca tensões com outros grupos de adolescentes. Os furtos e roubos em vilas vizinhas também compõem a dimensão do conflito no conjunto de enunciações sobre as “relações de negociação/conflito em outras vilas”. (ROSSI, 2010, 175).

Chimin Junior (2009) argumenta que os grupos relutam em acessar o contexto da vila que mantém rivalidade. Nesse aspecto, a área central da cidade surge como elemento de “neutralidade”, sem a possibilidade de oferecer vantagens locais para ou para outro grupo.

O argumento principal adotado pelos sujeitos pesquisados se refere ao revide, pois, na maioria das vezes, não se sabe ao certo qual das partes deu início à rivalidade. As falas⁹ a seguir relatam as situações de conflitos entre sujeitos de vilas diferentes e as condições de acesso em uma vila considerada rival, representada pela interdição.

[...] querem pegar os caras da vila (Olarias). [...] são de outra vila (Castanheira, lá de Uvaranas). Esses dias pegaram o piá e desossaram. Estamos esperando eles virem para cá. Na realidade eu nem conhecia os caras. Eles queriam pegar quem morava na vila. Eles queriam pegar todo mundo que morava ali. Nós tava indo embora e os caras descaram do carro. Os caras queriam pegar os caras que moravam na vila. (Rafael)

Em “vila quente”. Não vou entrar... por causa pelo estilo de andar.. daí os caras vão pensar que eu sou piá boy e tal e vão querer vim tomar minhas coisas, tipo uma vila que eu vou ... Esplanada não vou. ... O pessoal de Uvaranas eu conheço todo mundo eu morava lá. O pessoal da Vilela. Sei lá aqueles maluco, uns falam que são gente boa outros falam que se não vai com a tua cara eles querem bater. (Nurie).

⁹ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Nurie, de 16 anos, ocorreu no dia 10 de julho de 2013; a entrevista com Guilherme, de dezesseis anos, em 10 de julho de 2013 e a entrevista com Leandro ocorreu em 15 de julho de 2013.

Antes tinha direto. Antes era a Coronel [Claudio] e Olarias, bem antes. Aquelas brigas de vila, todo mundo participa. Um provoca o outro daí... Se ficar com medo de andar na vila, tem que ir embora. (Guilherme)

Outro elemento a ser explorado diz respeito às áreas onde os sujeitos pesquisados sentem-se mais acolhidos ou mais ameaçados. A vila do outro, apresenta os elementos necessários para que se “ande ligeiro” e mantenha-se “de boas”.

“Na vila me sinto mais tranquilo. Eu ando ligeiro em outros lugares. Tem que ir ‘mais ligeiro’¹⁰. Tem que saber que os caras estão lá.” (Rafael)

“Tipo daí que [eu falei de você e você vai lá e tua galera vem pra cima de mim. Vocês me batem o porque daí se eu chamar minha galera dai nossa... Se briga com maluco da minha vila nos vamos brigar e vai passar por isso mesmo. Se um maluco de uma outra vila. eu for na vila dele e bater nele os caras vão pra cima de mim... os caras vão estar na vila deles mesmo que eu chame minha vila...” (Nurie)

“Só se for em outra vila. Lá na rua sete (bairro Centro) se descer pra lá o bicho pega. Eu vou na Magic... lá dá umas brigas. Eu fico de boa. Já vi umas. Uns caras da Castanheira com da Vilela. No centro. Quando vejo a polícia, eu acho. Não gosto muito. Mas passo normal, não tenho nada. Não tô devendo. Saio escondido. Escondido não. Não saio muito escondido. (Leandro)

Evidencia-se que os conflitos gerados entre sujeitos de diferentes escalas da cidade, por vezes, acontecem por se constituírem grupos de diferentes contextos espaciais. Em algumas situações de conflito individual, a escala do indivíduo se eleva a situações enfrentadas pelo grupo ao qual o sujeito pertence.

¹⁰ A expressão “mais ligeiro” utilizada pelo sujeito pesquisado significa, segundo ele, *ficar mais esperto, “ter alguma coisa junto, uma arma branca [...] saber que os caras estão lá.”*

“Eu ando em tudo o que é lugar só tenho problemas com alguns caras. Às vezes da mesma vila se confrontam.” (Rafael)

Só por que são de outra vila. (Nurie)

Tem dos piá dali de baixo, da Encopa com os piá da Castanheira. Briga na Magic. Usam arma [de fogo]. Na vila usam faca [arma branca]. Eles começaram a brigar lá dentro e bateram em um e quase mataram aí ficaram e agora estão querendo pegar outro, por causa de menina, um pegou muié do outro. Tem um na vila que tá querendo dar um de bom, os caras mandaram embora da vila. Levou uns chute. (Leandro)

As falas evidenciam que as escalas acessadas pelos sujeitos investigados estão relacionadas com o contexto em que se sentem mais seguros. Entretanto, algumas situações vivenciadas definem se a situação passa a caracterizada como um conflito. Nesse contexto, se torna importante ressaltar a ‘rua’ como uma escala que transcende ao indivíduo e o coloca mais próximo do seu grupo. Se a escala do bairro representa a materialidade de um grupo social, na escala da rua acontecem as relações de poder, as tensões e os conflitos, pois é na rua que tudo acontece.

A rua pode ser evocada como lugar de passagem, como caminho que leva ao trabalho, ao lazer, ao culto (SANTOS; VOGEL, 1985, p. 51). Parece ser a rua um local obrigatoriamente mediado pelos conflitos. As falas a seguir tratam da escala da rua por meio deste paradigma.

Pelo que sei isso ocorria pelos motivos eu não sei, um exemplo era meu bairro contra outro bairro, era quase todos os dias um monte de garotos se matando no meio da rua. (Rodrigo)

Muitas vezes dentro do próprio colégio e nas ruas principalmente perto do centro. (Dennis).

Geralmente quando alguém fala de alguma situação que viveu nos também ficamos com medo e tentamos evitar passar por certas ruas e lugares. (Luis Felipe)

Algumas estratégias sobressaem nas relações dos jovens com o espaço da cidade. A formação de grupos, o exercício de alguma atividade esportiva ou marcial, o uso de armas são aportes para sobrevivência em um contexto de risco. As falas a seguir retratam um cotidiano plural, de eminente conflito e de busca por sobrevivência em um contexto de busca por afirmação.

Tenho amizade com todo mundo. Perto da minha casa conheço todo mundo. Quem mora longe tem alguns que conheço, não tenho conflito. Já. O cara me xingou, me provocou, mas não chegou a ter briga. Faço academia se pular em mim tenho como me defender. Eu luto muay tay. Só revido se o cara vir me bater, só se ele vir, é só para se defender. (Guilherme)

Deixo baixo. Eu xingo. No braço. Com arma de fogo não, nem arma branca. Tento resolver se não der, sei lá. Daí vai no tiro mesmo. Já fomos atrás de um cara e não conseguimos pegar. Fomos de moto, em dois, na Cipa. Os caras são fodas. Demos um balão, se achasse, se não, saímos... (Leandro)

Eu tenho medo de ir pro rio na quaresma, aí o bagueio fica loco. Às vezes você vai pro rio, se você estiver sozinho o bagueio fica loco, da uma cabreragem. Este tipo de medo. Dependendo do lugar, no rio se eu tiver sozinho eu fico mais ligeiro, me afasto dos caras. Tem que ver a maldade do cara. (Rafael)

A rua também apresenta os elementos essenciais para o revide a uma situação de ameaça ou de conflito. Na rua os sujeitos deixam de ser o filho que habita a casa da família e o estudante que frequenta a escola. Esta é a escala mais dinâmica e a que mais se aproxima da realidade dos sujeitos pesquisados.

A fala a seguir identifica as estratégias utilizadas, as noções de masculinidades existentes no contexto do urbano, as áreas representadas como propícias aos conflitos e, ao mesmo tempo, representa que o jovem do sexo homem não vivencia suas espacialidades de forma incoerente ou inocente. Pelo contrário, elabora instrumentos de permanência e de enfrentamento às situações de tensão.

Deixo o cara, vai ter a melhor hora. Tem a melhor hora pra tudo, eu penso assim. Se eu tiver com alguma coisa [arma]... depende da ameaça, se o cara tiver me jurando, tem que resolver ali. Não é por causa de amigo, eu não me garanto por causa de amigo. Eu me garanto. Eu sou sujeito homem, eu me garanto na mão na pedra, no tiro, na faca. Com naifa, calibre aí é outra coisa. Depende do lugar, no sábado esses caras do Castanheira estão na Magic, se ir lá já dá uma briga. Se eles estiverem ali e nos querer ir lá, vai acontecer alguma coisa. Depende do lugar, se você seguir, tiver perto e for a melhor pra você pegar o cara. Tá melhor o lado. Essa é a melhor hora. Depende do lugar, depende hora, de como você está ali, o que você tem, se está favorável. (Rafael)

Diferencia-se, assim, duas propostas elementares de vivência juvenil no urbano. A primeira se refere ao sujeito próximo da interferência do Estado, em que sua espacialidade é dada pela escola e pelo apelo familiar. E a segunda, um sujeito mais ou menos distante de qualquer interferência. Para esse sujeito, a vivência é plena de significados.

Este capítulo evidenciou que as diferentes maneiras de vivenciar a cidade estão relacionadas às escalas que podem abranger determinada situação. Desde o revide a alguma agressão à interdição, representada pelas diferentes situações vivenciadas pelos jovens homens, sujeitos desta pesquisa, no cotidiano das ruas, da vila, do centro e do bairro, são resolvidas por meio de estratégias de oposição ou de aproximação do conflito. Para tanto, utilizam-se de argumentos, elementos materiais ou de sua própria espacialidade para a obtenção de vantagens em sua constante exploração da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como fio condutor a construção de um caminho analítico da relação entre espaço urbano e medo sob o foco das representações sociais de jovens homens, moradores de periferia, em Ponta Grossa/PR. Nesse sentido, o espaço urbano foi discutido a partir de uma perspectiva de pluralidade de significações possíveis de serem construídas pelo grupo social dos jovens homens, moradores de periferia, que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa. O espaço urbano interpretado pelos sujeitos desta pesquisa, trazem elementos de medo e tensão, gerados por configurações específicas do urbano.

Foi também preocupação deste trabalho a valorização das espacialidades dos sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, as masculinidades periféricas. Também teve a intenção de observar as tensões da realidade, a fim de compreender a influência das masculinidades de grupos de jovens ao interagirem com culturas locais e suas práticas espaciais.

Ao investigar as práticas cotidianas de adolescentes do sexo masculino, no exercício de suas masculinidades em um município de médio porte, buscou-se compreender de que maneira esses sujeitos estabelecem suas relações e, por conseguinte, como constituem suas espacialidades a partir de suas representações de medo. Também se pretendeu explorar as dimensões espaciais da vida urbana de jovens do sexo masculino, por meio da lente de seus discursos espaciais e seu cotidiano.

As espacialidades dos jovens pesquisados se constituíram em elementos centrais na construção das reflexões de uma identidade juvenil específica. A partir

desta perspectiva, alguns locais da área central do município não apenas figuram como um recorte da cidade, eles são espaços de representação das masculinidades.

Por meio dos significados culturalmente atribuídos e espacialmente delegados às diferentes práticas, pode-se dizer que essa configuração é negociada por meio da idade dos indivíduos, códigos de respeito e a maneira com que externam suas emoções.

Algumas situações representadas nas relações de poder constituídas pelos jovens homens que vivenciam o espaço urbano podem ser estabelecidas em diferentes escalas, na escola, na rua, na vila, no seu e até mesmo em outros bairros. Por isso, evidenciou-se a necessidade de descortinar cada aspecto presente nas representações dos jovens homens sobre cada uma destas escalas. Evidenciou-se que o argumento principal adotado pelos sujeitos pesquisados se refere ao revide e que, na maioria das vezes, não se sabe ao certo qual das partes deu início à rivalidade.

Para a inteligibilidade deste estudo, consideraram-se dois tipos de representações do bairro, por parte dos sujeitos pesquisados: o primeiro se referiu ao bairro visto pelos sujeitos que vivenciam um cotidiano de relações conflituosas, e o segundo, pelo grupo de sujeitos que visibilizam a cidade a partir do bairro, por meio de sua dinâmica que inclui o medo. Conforme indicado pelos estudantes pesquisados na fase exploratória, as representações da escala do 'bairro' passam pela noção do conflito, pelas relações de poder instituídas e pelo imaginário social que inclui a vitimização.

Percebeu-se que as evocações “assalto”, “tráfico”, “drogas” e “trânsito” estão altamente relacionados à morte. Assim como “brigas” e “gangues” à agressão física. “Polícia” é associada à insegurança em viver na cidade. Evidenciou-se também que

os elementos “praça” e “centro”, configurados pelos sujeitos pesquisados como pontos quentes de conflito, destacaram-se como elementos principais geradores de tensão na vivência espacial dos adolescentes pesquisados. Lugares estratégicos, como “proximidades dos terminais de ônibus”, surgem como estatuto de permanente tensão no espaço urbano.

Outro elemento explorado nas respostas dos sujeitos pesquisados diz respeito às gírias utilizadas para representar alguma situação, um indivíduo ou uma área no contexto do espaço urbano. Ao se deparar com elementos do cotidiano desses jovens relatados por eles com influenciadores em sua sensação de medo, os dados apontaram para quatro características principais: as relações de poder, as interdições, os conflitos e as infrações.

As falas indicaram que jovens homens, moradores de periferias pobres, constituem um grupo que são simultaneamente promotores e vítimas de violência em seu cotidiano. Essa percepção faz parte de sua existência espacial e nos processos de interpretação dos riscos que correm e das ações que podem cometer e suas consequências, o medo constituiu em um dos um elemento componente das masculinidades exercitadas na cidade.

Muitos jovens evitam a exposição em certas áreas, pois são forçados a pensar esses espaços como espaços excludentes; outros experienciam o assédio e o medo desde seu ingresso no mundo da adolescência. As expressões “território” e “liderança”, revelaram a existência de uma simetria entre vulnerabilidade e reação conflituosa na experiência espacial dos adolescentes que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa.

A naturalidade em descrever como acontece uma ameaça ou uma situação em que pode culminar com a morte parece ser algo natural e presente na vida cotidiana dos sujeitos pesquisados. Ficou evidente que a relação dos sujeitos do

contexto da pesquisa, com a violência e às drogas ilícitas, encontram no espaço urbano os elementos necessários para sua sublimação.

Procurou-se fazer referência às diversas noções de masculinidades e elementos de vulnerabilidade relacionados aos jovens homens no contexto do espaço urbano. Incluiu-se nesta agenda de pesquisa, sete entrevistas com jovens homens cujas histórias transcendem à vivência em um contexto de normalidade.

Assim, tanto as práticas sociais quanto as práticas espaciais desses adolescentes tem configurado a vida social urbana, sendo a posicionalidade desses sujeitos sinônimo de *status*, assim como as experiências vivenciadas, base para a formação de elementos constitutivos das masculinidades.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: Ed. AB, 1998.

_____. (Ed.). **Prácticas sociales y representaciones**. Paris: CCC IFAL, 2001.

_____. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M. C. (Eds.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UCG, 2003.

ALTAF, J. G.; TROCCOLI, I. R.; ABDALLA, M. M.; CURZIO, P. H. Eu estendido e marcas de luxo: associação aplicada ao consumidor homossexual masculino. In: VII Congresso Virtual Brasileiro de Administração, **Anais...**, 2010.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAL, Timothy K. Fearing the other: within and beyond. **The Hedgehog Review: Fear Itself**, v. 5, n. 3 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1967.

_____. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1967.

BEZERRA, Josué Alencar. Como definir o bairro? Uma breve revisão. GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 1, n. 1, p. 21-31, jan./jun., 2011.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Código Civil Brasileiro**. Brasília, 1990.

_____. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, 1990. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/> >. Acesso em: 5 jan. 2014.

BROWNLOW, Alec. A geography of men's fear. **Geoforum**, v. 36, p. 581–592, 2005.

BUTLER, Judith. **Vida precaria**: el poder del duelo y la violencia. Buenos Aires: Paidós, 2006.

_____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. **Gender trouble**: feminism and the subversion if identity. London: Routledge, 1990.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1999.

CABRAL, Vinicius; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio J. Espaços de morte e representações sociais de travestis na cidade de Ponta Grossa – Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n .1, p. 139-161, jan./jul. 2013.

CANDAU, Vera Maria. **Somos tod@s iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 176p.

CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.209-227, jan./jun.2012

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIMIN JUNIOR, Alides B. **O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa-Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

_____.; SILVA, Joseli Maria. **Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p.295-308, ago./dez. 2010.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics**. 3. ed. London: Routledge: 2002.

CONNELL, Robert W. Políticas das masculinidades. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998a.

_____. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro n. 5, jan.-jun. 1998.

_____.; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2000.

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **A Geografia do crime na metrópole**: da economia do narcotráfico à territorialização perversa em uma área de baixada de Belém. Monografia (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento de Áreas da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DANTAS, G. F. L.; PERSIJN, A.; SILVA JUNIOR, A. P. **O medo do crime**. 2006. Disponível em: < <http://www.observatorioseguranca.org> >. Acesso em: 15 jun. 2013.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./dez., p. 40- 52, 2003.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOISE, Willem. Cognições e representações: a abordagem genética. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DUNCAN, J. S. **The city as text**: the politics of landscape interpretation in the Kandy Kingdom. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James S. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ELLIN, Nan. Fear and city building. **The Hedgehog Review: Fear Itself**, v. 5, n. 3 2003.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

EVANS, Ruth. Negotiating social identities: The influence of gender, age and ethnicity on young people's "street careers" in Tanzania. **Children's Geographies**, v. 4, n. 1, p. 109-128, 2006.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. (1967). In: MOTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault: estética – literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos & Escritos 3)

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FUREDÍ, Frank. The only thing we have to fear is the 'culture of fear' itself. **Spiked**, abr. 2007. Disponível em: < <http://www.spiked-online.com/> >. Acesso em: 13 jun. 2013.

GEORGE, P. **Geografia urbana**. Tradução do Grupo de Estudos Franceses de Interpretação e Tradução. São Paulo: Difel, 1983.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

GLASSNER, Barry. **The Culture of Fear: why americans are afraid of the wrong things**. New York: Basic Books, 1999.

GOMES, Fernando Bertani. **A relação entre a vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR**. Relatório de Qualificação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: FIORAVANTE, K. E.; PEREIRA, R.; ROGALSKI, S. R. (Orgs.). **Geografia e epistemologia: ciência viva e dinâmica, aberta e plural**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

GOODEY, J. Boys don't cry: masculinities, fear of crime and fearlessness. **British Journal of Criminology**, n. 37, p. 401-418, 1997.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996,

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005a.

_____. **Condição pós-moderna**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005b.

_____.; HAESBAERT, R. O espaço na modernidade. **Terra Livre**, São Paulo, v. 5, n. 1, 1989.

HORTA, José Siverio Baia. Direito à educação e obrigatoriedade escolar. **Cadernos de pesquisa**. n. 104, p. 5-34, julho/ 1998.

HUBBARD, Phil. Fear and loathing at the multiplex: everyday anxiety in the post-industrial city. **Capital & Class**, v. 27, n. 51, 2003. Disponível em: <http://cnc.sagepub.com/> >. Acesso em: 13 jun. 2013.

IAROCZINSKI, Adriane. **A relação entre o espaço escolar e violência Infanto-juvenil no contexto de ação do programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

_____.; SILVA, Joseli Maria. Espaço escolar e violência no cotidiano vivido por crianças e adolescentes em Ponta Grossa-PR, 2005 – 2007. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 133-143 , jan./jun. 2008.

IPARDES. **Caderno estatístico**: Ponta Grossa. Curitiba: IPARDES, 2013.

JACKSON, Peter. The cultural politics of masculinity: towards a social geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 16, n 4, p. 199-204, 1991.

_____. **Maps of meaning: an introduction to cultural geography**. London: Routledge/Unwin Hyman, 1989.

JODELET, Denise. Représentation sociale: phénomènes, concept et theorie. In: **Psychologie sociale**. Paris: PUF, 1990.

_____. Imbricações entre representações sociais e intervenção. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; CAMARGO, Brígido Vizeu (Orgs.). **Contribuições para a teoria e o método de estudos das representações sociais**. João Pessoa: Editora UFPB, 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNCKES, Ivan Jairo e SILVA, Joseli Maria. **Espaço escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil**. Revista Didáticas Específicas. n. 1, pp. 148-166, 2009.

KAUFMAN, Michael. The construction of masculinity and the triad of men's violence. In: KAUFMAN, Michael (Ed.). **Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power and change**. Nova Iorque: Oxford UP, 1987.

KIMMEL, M. Masculinity as homophobia: fear, shame, and silence in the construction of gender identity. In: BROD, H. KAUFMAN, M. (Eds.). **Research on men and masculinities series: theorizing masculinities**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1994.

KONING, Anouk. Gender, Public Space and Social Segregation in Cairo: Of Taxi Drivers, Prostitutes and Professional Women. **Antipode**, v. 41, n. 3, p. 533-556, 2009.

KOZEL, Simone. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível. In: 12 EGAL. **Anais...**, Montevideu, 2009. Disponível em: < <http://egal2009.easyplanners.info/> >. Acesso em: 20 nov. 2011.

LAMAS, J. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1993.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **Espacio e politica: el derecho a cidade II**. Barcelona: Península, 1976.

_____. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1981.

_____. **O direito à cidade**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEME, M. A. V. O impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LUPTON, Deborah. **Risk**. London: Routledge, 1999.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Monica R. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARKOVÁ, Ivana. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis: Vozes, 2006.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Masculinity, dualisms and high technology. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 16, n 4, p. 487-499, 1991.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano: do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, M. de. GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996, 372 p.

MCDOWELL, Linda. Life without father and ford: the new gender order of post-fordism. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 16, n 4, p. 400-419, 1991.

MELGAÇO, Lucas. **Securização urbana**: da psicosfera do medo à tecnosfera da segurança. 2010. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Departamento de Geografia Humana. FFLCH – USP. São Paulo, 2010.

MÉSZARÓS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editora, 2002

MORAIS, Regis. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOLASCO, Sócrates. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. **Interfaces**, v. 3, n. 3, 2003.

PAIN, Rachel. Gender, Race, Age and Fear in the City. **Urban Studies**, v. 38, n. 5-6, p. 899-913, 2001.

PRETI, Dino. **O léxico na linguagem popular**: a gíria (2013). Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp18/02.pdf> >. Acesso em: 15 abr. 2014.

PRZYBYSZ, Juliana. **Articulando os espaços público e privado**: transformações das Espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa - Paraná. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

ROCHA, Heder Leandro. **O uso do crack como um elemento de espacialidade de adolescentes do sexo masculino moradores da periferia pobre de Ponta Grossa, PR**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

ROSE, Gillian. **Feminism e geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.

_____. **Visual methodologies**: an Introduction to the Interpretation of visual materials. London: SAGE, 2007.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROSSI, Rodrigo. **Malucos da quebrada**: territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana de adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

_____.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Periferias pobres e masculinidades: uma discussão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. **Sobre o núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São Paulo: Projeto FINEP/IBAM, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004b.

_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia à uma geografia crítica.** 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004a.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009a.

_____. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009b.

_____. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: **Geografias Subversivas.** Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

_____.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. **Espaço, gênero e masculinidades plurais.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2011.

SILVA, Susana Maria Veleda da. A perspectiva feminista na geografia brasileira. In: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009c.

SLOVIC, Paul. Perception of risk. **Science**, n. 236, 1987.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a afirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPINK, Mari Jane P. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Escola, juventude e violência: um estudo no ensino médio.** Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

TUDOR, Andrew. A (macro) sociology of fear? **The Sociological Review**, v. 51, n. 2, 2008.

VALENTINE, Gill. 'Images of danger: women's sources of information about the spatial distribution of male violence'. **Area**, n. 24, p. 22-29, 1992.

VÈRGES, Pierre. (2002). **Manual Evoc2000** – Ensemble de Programmes Permettant L'analyse des Evocations. Disponível em: de <http://tinyurl.com/manualevoc> >. Acesso em: 5 de outubro de 2013.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: FAPESP, 1998.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2013**. CEBELA/FLACSO, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM QUESTÕES ABERTAS

Data: ____/____/____ Hora: ____:____ Escola: _____

Local da entrevista: _____

1 CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Nome fictício: _____

Idade:

Escolaridade: ☐ 1º ANO/EM ☐ 2º ANO/EM ☐ 3º ANO/EM

Local de moradia: ☐ Centro ☐ Bairro

Com quem vive: ☐ pais ☐ avós ☐ irmão(s) ☐ outros responsáveis
 ☐ sozinho ☐ com cônjuge [companheiro(a)]

Ocupação: ☐ estuda ☐ trabalha ☐ estuda e trabalha

Renda casa (salário): ☐ menos de 1 salário ☐ de 1 até 2 salários ☐ 2
salários ou mais

Onde passa maior parte do dia ☐ casa ☐ escola ☐ trabalho ☐ outros
lugares.

2 INVESTIGAÇÃO – REPRESENTAÇÃO / ESPAÇO URBANO/MEDO

i. Quais são as áreas do espaço urbano de Ponta Grossa – PR evidenciadas pelo sentimento do medo por adolescentes do sexo masculino?

- a) Você conhece pessoas que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná, que sentiram ameaçadas?
- b) Quais os tipos de ameaças que essas pessoas sofreram? Isso é comum entre o grupo de amigos?
- c) Você já vivenciou alguma situação de risco (morte/agressão)? Você pode relatar?
- d) Você já passou por uma situação de conflito (brigas)? Os conflitos que você vivencia são individuais ou de grupo?
- e) Existe alguma área da cidade em que você se sente mais acolhido? Qual(is)?
- f) Quais as áreas que você se sente mais ameaçado?

ii. Como o medo interfere nas práticas espaciais dos adolescentes do sexo masculino que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná?

- a) Em que situação você se sente mais ameaçado?
- b) Quais são as estratégias que você utiliza para andar na cidade/vivenciar a cidade quando está sob ameaça?
- c) Você acha que existem conflitos entre grupos de diferentes locais da cidade? Por que?
- d) Você sabe os motivos pelos quais ocorrem esses conflitos?
- e) Você já revidou alguma ameaça? De que forma? Quais estratégias você usa para se defender das ameaças?

iii. De que maneira a construção das masculinidades são constituidoras das práticas espaciais de adolescentes que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná?

- a) Entre seus companheiros que vivenciam as ameaças, vocês falam sobre o medo / riscos?
- b) O que acontece quando uma pessoa do seu grupo demonstra medo?
- c) O que é o medo de vivenciar a cidade para você?
- d) Qual é sua perspectiva de futuro frente aos conflitos?

3 ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES

--

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM QUESTÕES FECHADAS

1) IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ Idade: ____ anos

Colégio em que estuda: _____

Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Escolaridade: ☐ 1º ano/EM ☐ 2º ano/EM ☐ 3º ano/EM

Turno em que estuda: ☐ Manhã ☐ Tarde ☐ Noite

Local de moradia: ☐ Centro ☐ Bairro Em que vila/bairro?

Com quem vive: ☐ pais ☐ avós ☐ irmão(s) ☐ outros responsáveis
☐ sozinho ☐ com cônjuge [companheiro(a)]

Ocupação: ☐ estuda ☐ trabalha ☐ estuda e trabalha

Renda casa (salário): ☐ menos de 1 salário ☐ de 1 até 2 salários ☐ 2 salários ou mais

Onde passa maior parte do dia ☐ casa ☐ escola ☐ trabalho

☐ outros lugares. Qual(is):

2) EM UMA PESQUISA, FORAM LEVANTADOS ALGUNS ELEMENTOS COMO OS MAIORES MOTIVOS DE MEDO/TENSÃO ENTRE OS ESTUDANTES ADOLESCENTES. RESPONDA AS QUESTÕES A SEGUIR:

a) Classifique, de 1 a 8, os elementos em importância que, para você, representam medo/tensão em viver na cidade:

Motivo de tensão	Nº ordem
Assalto	
Drogas	
Brigas	
Tráfico	
Trânsito	
Gangues	
Sequestro	
Polícia	

Outro(s). Qual(is)?

b) Associe o que cada elemento representa para você, de acordo com a intensidade:

Motivos de tensão	Intensidade			
	Insegurança	Ameaça	Agressão física	Morte
Assalto				
Drogas				
Brigas				
Tráfico				
Trânsito				
Gangues				
Sequestro				
Polícia				

Outro(s). Qual(is)?:

c) Classifique, de 1 a 7, esses lugares da cidade em que você se sente mais **inseguro**:

Motivo de tensão	Nº ordem
Praças	
Terminal central	
Transporte coletivo	
Outra vila ou bairro	
Próximo ao colégio	
Distante do colégio	
Próximo a outros colégios	

Outro(s). Qual(is)?:

d) Classifique, de 1 a 7, os motivos que geram **conflitos** entre os adolescentes da sua faixa etária:

Motivo de tensão	Nº ordem
Namorado(a)	
Grupos rivais (gangues)	
Ser líder no grupo	
Revidar a ameaça	
Ser de outra vila/colégio	
Se vestir diferente	
Sem motivo	

Outro(s). Qual(is)?:

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ____/____/____ Hora: ____:____ Escola: _____

Local da entrevista: _____

1 CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Nome fictício: _____

Idade: _____

Escolaridade: [] Cursando ensino médio

Onde vive maior parte do dia? [] casa [] escola [] trabalho [] outros lugares. Qual? _____

2 INVESTIGAÇÃO – REPRESENTAÇÃO / ESPAÇO URBANO/MEDO

- i. **Quais são as áreas do espaço urbano de Ponta Grossa – PR evidenciadas pelo sentimento do medo por adolescentes do sexo masculino?**
- g) Você conhece pessoas que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, que sentiram ameaçadas?
- h) Quais os tipos de ameaças que essas pessoas sofreram? Isso é comum entre o grupo de amigos?
- i) Você já vivenciou alguma situação de risco (morte/agressão)? Você pode relatar?
- j) Os conflitos que você vivencia são individuais ou de grupo?
- k) Existe alguma área da cidade em que você se sente mais acolhido?
- l) Quais as áreas que você se sente mais ameaçado?

ii. Como o medo interfere nas práticas espaciais dos adolescentes do sexo masculino que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná?

- f) Em quais situações você se sente mais ameaçado ao andar pela cidade?
- g) Quais são as estratégias que você utiliza para andar na cidade/vivenciar a cidade, quando está sob ameaça?
- h) Você acha que existem conflitos entre grupos de diferentes locais da cidade? Por que?
- i) Você sabe os motivos pelos quais ocorrem esses conflitos?
- j) Você já revidou alguma ameaça? De que forma? Quais estratégias você usa para se defender das ameaças?
- k) Quais são as instituições ou grupo de adultos que ajudam você a vencer o medo das ameaças/riscos?
- l) Com quem você se alia para se sentir protegido das ameaças /riscos?

iii. De que maneira a construção das masculinidades são constituidoras das práticas espaciais de adolescentes que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná?

- e) Entre seus companheiros que vivenciam as ameaças, vocês falam sobre o medo / riscos?
- f) O que acontece quando um alguém do seu grupo demonstra medo?
- g) O que é o medo de vivenciar a cidade para você?
- h) Qual é sua perspectiva de futuro frente aos conflitos?

4 QUESTÃO LIVRE (ESPAÇO ABERTO PARA COMENTÁRIOS COMPLEMENTARES)

--

APÊNDICE D – CATALOGAÇÃO DE GÍRIAS

Organizamos os vocábulos de maneira a expressar as representações dos jovens relacionados ao medo no espaço urbano. Percebeu-se que no contexto dos grupos, as gírias são evocações que identificam sujeitos, representam situações cotidianas, bem como expressa as espacialidades dos sujeitos pesquisados.

Vocábulo	Significado atribuído
– parceiro, ‘cara’	Sujeito de mesmo contexto grupal que não hesita em colaborar em alguma situação ou contexto de perigo ou de correria.
– Correria, ‘corres’, agilizar	Fazer alguma coisa com determinação. Também pode estar relacionada à busca de algo, geralmente drogas, para tráfico ou, a uma situação de conflito.
– ‘cagueta’, ‘cagão’, covarde, ‘paia’	Sujeito que hesita em uma situação ou contexto de perigo ou correria. Considerado como medroso perante o grupo, fica sem moral.
– duque	Sujeito que se envolve em uma situação em que estabelece relação com uma pessoa menor de idade ou incapaz, pedófilo. <i>“O pessoal da vila, todo mundo, todo mundo quer bater, quer sentir o prazer de bater no cara. O cara merece, pra mim um cara desses merece morrer.”</i> (Rafael)
– talarico	Talaricar é o mesmo que mexer com a mulher do outro. <i>“É botar olho gordo na muié dos outros. Depende do apetite do cara que foi talaricado. Se o cara quiser fazer a cara dele.”</i> (Rafael)

Vocábulo	Significado atribuído
– ladrão	Sujeito que rouba na própria vila ou se envolve em uma situação em que não é bem vindo. “ <i>Se o cara meter a mão no que não deve, aí é cortar a mão. A maioria morre, mas às vezes não morre. Às vezes o cara é forte, consegue escapar, não é pra morrer naquela hora</i> ” (Nurie)
– ‘baguio’	Pode tanto estar relacionado às drogas ilícitas, principalmente maconha quanto a uma situação limite na relação com outros sujeitos.
– ‘naifa’, arma branca	Se refere a qualquer tipo de arma branca (faca) empregada em uma situação de conflito. Uma variação do inglês <i>knife</i> .
– ‘calibre’, arma de fogo	Se refere a qualquer arma de fogo empregada em uma situação de conflito.
– ‘mio’, ‘mancada’	Quando alguém comete um erro, dá uma mancada. “ <i>Depende do que o cara fez, nós chamamos de ‘mio’, o que o cara fez é mio, deu mancada</i> ” (Nurie)
– ‘paia’	Situação ou sujeito que demonstra medo, que fica sem moral perante o grupo.
– ‘canchinha’	Sujeito que perde a paciência rapidamente, fica nervoso ou revida alguma ameaça sem pensar nas consequências.
– ‘andar/ ficar ligeiro’	Ficar esperto com alguma situação de eminente conflito.
– ‘acelerar’	É o mesmo que xingar, insultar. Deixar o sujeito em uma situação de inferioridade depois de alguma situação de demonstração de fraqueza.
– ‘apetite’	Situação em que um sujeito demonstra maior ou menor vontade de executar uma ação de ameaça ou execução por uma situação que julga ser justo, em troca de dinheiro ou por droga.

Vocábulo	Significado atribuído
– ‘ maldade ’	Está relacionada a atitude esperada de um rival mediante uma situação de eminente conflito. “ <i>Dependendo do jeito que o cara chega já dá pra ver a maldade no olhar do cara. Quando o cara tá se pensando que é o bom</i> ” (Rafael)
– ‘ vacilar ’, vacilão	Ficar desatento em uma situação de perigo ou de conflito. Cometer um erro.
– ‘ de boas ’	Permanecer tranquilo. Não esboçar nenhuma reação em uma situação de eminente conflito ou em que esteja em desvantagem.
– ‘ cabreragem ’, cabreiro	O mesmo que medo. Relacionado ao sujeito que não se sente à vontade em dizer que tem medo.

APÊNDICE E – OFÍCIO ENCAMINHADO ÀS ESCOLAS PESQUISADAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

Ponta Grossa, 2 de agosto de 2012.

Vimos por intermédio deste, solicitar a esta respeitável instituição a permissão para realizar levantamento de informações para o desenvolvimento da pesquisa **“O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DO ESPAÇO URBANO DE PONTA GROSSA, PR”**. O responsável pela coleta é Renato Pereira, estudante do Curso de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, RA: 3100112014010, RG 94847559/PR, CPF- 047903029-46, residente à Rua JOAO KUBINSKI nº 240, telefone: (42) 8403-2714. O referido estudante é orientado pela professora Dra. Joseli Maria Silva, docente do Programa de Pós-graduação em Geografia / UEPG, departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O desenvolvimento da pesquisa em questão depende fundamentalmente da aquisição de dados por meio de observações e entrevistas a serem realizadas junto aos grupos de jovens, sobre suas experiências de medo em relação aos espaços da cidade.

Certos de contar com sua colaboração, agradecemos antecipadamente e **afirmamos nosso compromisso em atuar de forma ética resguardando toda e qualquer identificação das pessoas presentes nas fontes a serem exploradas.**

Atenciosamente,

Prof. Dra. Joseli Maria Silva
Docente do Depto. de Geociências – UEPG
Mestrado em Gestão do Território